O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDAÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANO XXXV

ASSINATURAS: SEM ESTAMPILHA: ANO 4$600 reis; SEMESTRE: 2$350; TRIMESTRE 1$200; AVULSO 50 reis. COM ESTAMPILHA: ANO 5$140; SEMESTRE 2$650; TRIMESTRE 1$350; AVULSO 55. As assinaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABADOS

Sabado 25 de setembro de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Anuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assina-se unicamente em Aveiro. As assinaturas são pagas adiantadas. Os manuscritos enviados á redação, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:526

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rue S.te Anne, 51.bis

ESMOLA

para as vitimas do incendio na Costa da Torreira

Transporte.... 307$300

—

Qualquer donativo deve ser dirigido ao ex.mo e revd.mo sr. Conego Arcipreste, José Candido Gomes d'Oliveira Vidal.

O produto d'esta subscrição será por este cavalheiro entregue ao sr. governador civil d'Aveiro, para ser por este sr. distribuida proporcionalmente pelos desgraçados, que tudo perderam n'este pavoroso incendio.

SUMARIO:—Questões do dia.—Viação municipal.—Liceus.—O regresso d'el-rei.—Noticias locaes.—Noticias diversas.—Novas de longe.—Folhetim, Historias da carochinha, *por Julio Costa*.—Sedição em Hespanha.—Correio do sul.—Arabescos e miniaturas.—Bibliografia.—Parte oficial.—Telegrafia.—Cartas de Lisboa.

Aveiro

QUESTÕES DO DIA

Emquanto a Hespanha, corroida interiormente pelas fações, se esfacela em lutas fratercidas, Portugal preocupa-se inteiramente com as questões economicas, tratando da reorganisação das suas finanças. E' verdade que, conforme o parecer da oposição, as cousas vão mal, e a gerencia progressista é uma calamidade. Mas como os fátos depoem em sentido contrario, e como a historia só consta do que é veridico, a resultante é que o publico aplaude o governo, dando-lhe o seu apoio, a fim de que ele prosiga na róta encetada e o paiz logre ter por muitos anos administração cuidadosa, que ponha cóbro aos esbanjamentos, que faziam as delicias da regeneração.

A cotação dos fundos publicos subiu apenas chegaram ao conhecimento do mundo monetario as providencias tomadas pelo governo. Tratou ele, não de agravar as circumstancias do contribuinte com novos e pesados encargos, mas de fiscalisar e explorar melhor os impostos existentes. O lançamento das diversas contribuições do estado é imperfeito e portanto insustentavel. Quem paga mais é exatamente quem menos póde. O pequeno proprietario e o pequeno industrial são os que mais sofrem as desegualdades fiscaes. E se quanto ao primeiro o serviço da revisão das matrizes, que se acha entre mãos, póde reparar as desegualdades apontadas, com respeito ao segundo deve egualmente proceder-se com circumspéção, a fim de que desapareçam os vicios e as injustiças, que pululam do respétivo mapa.

As pequenas industrias estão sendo muito prejudicadas com as colétas com que as oneram. Como ha-de um operario, que percebe até 400 réis nos dias uteis, satisfazer á fazenda a importancia da contribuição industrial? Quando o faz é com grande sacrificio, e se se descuida, ou deixa para mais tarde solver aquele encargo, o fisco inexoravel não o deixa respirar.

O governo extinguiu o imposto do sal, no que fez um grande serviço a duas classes, ao proprietario e ao marroteiro, isto é, ao capital e á industria. Mas deixou de pé um imposto barbaro, um tributo odioso, um dos maiores vexames que existem n'este ramo de serviço. Referimo-nos á decima de juros.

A decima de juros recáe sobre os contrátos hipotecarios. Processam-se os conhecimentos em nome do devedor, mas por uma ingenuidade verdadeiramente paradisiaca, entendeu o legislador que quem devia satisfazer a respétiva coléta era o credor. Como? Ignoramol-o. O que é certo, porém, é que o credor ao entregar o seu dinheiro ao que lh'o vae pedir, impõe-lhe logo a obrigação d'ele pagar todos os encargos do contráto. Assim a escritura, o registro e a decima de juros ficam a cargo do devedor. Vejam porque preço lhe sae o dinheiro. E' uma exorbitancia. E se é para suprir qualquer necessidade do momento, ou para melhorar as suas propriedades, vê se tambem que as vantagens não compensam a grandeza do sacrificio.

Facil é pois concluir, que a decima de juros é uma excrecencia tributaria, que convém extirpar quanto antes. Por lado algum que se encare a questão, é ela sustentavel. E' a agravação de circumstancias já de si desgraçadas. E' a contribuição lançada á miseria; porque não representa a incidencia do imposto sobre qualquer industria lucrativa. E' um onus real sobre uma despeza certa, e já de si onerosa, porque é uma riqueza negativa.

Chamamos sobre este ponto e ainda sobre o tributo do pescado a atenção do nobre ministro da fazenda. Assim como o imposto do sal podia substituir-se sem gravame do proprietario, nem do marroteiro, incidindo diretamente sobre o preparador, assim como é facil a substituição da contribuição do pescado pelo imposto de licensa, tambem a decima de juros deve desaparecer, ou seja extinguindo-a de vez e sem criar a equivalente, ou dando-lhe uma forma nova, de modo que seja o credor e não o devedor que a pague, o que nos parece ainda assim, dificil, senão impossivel. Em todo o caso o que está não serve, porque é injusto e vexatorio. E o estado não póde querer locupletar-se com as lagrimas de sangue do contribuinte.

Reformem-se por tanto convenientemente os serviços, e acabe-se de uma vez para sempre com as velharias, que pejam as repartições publicas. E em quanto não se simplificarem aqueles, e não desaparecerem os trambolhos que enervam as rodas da administração, a ação do governo não póde tornar-se eficaz, nem os administrados poderão cobrir de bençãos a sua iniciativa.

VIAÇÃO MUNICIPAL

A folha oficial d'hontem publica uma portaria de 22 do corrente, declarando que o n.º 7.º (e não 8.º como lá se diz por incorrécção tipografica) do art. 54 do Cod. Adm. se não deve considerar applicavel á viação municipal nos concelhos autonomos.

Dava origem á duvida a disposição do artigo 125 n.º 2.º do mesmo Codigo, dizendo que as camaras municipaes dos concelhos sujeitos a organisação especial deliberavam definitivamente sobre todos os assuntos compreendidos nas disposições do artigo 117 e seus n.os, e ser um d'esses n.os o 7.º, que sobre construção, reparação e conservação de estradas municipaes mandava observar as formalidades do n.º 7.º do artigo 54.

Mas desde que esses concelhos não elegem procuradores á junta geral e não contribuem para as despezas do distrito, nem téem direito a exigir das juntas geraes subsidios para as suas despezas, nem as juntas geraes téem direito de inspécção ou tutela sobre a sua administração.

LICEUS

A folha oficial publicou hontem o regulamento dos concursos para provimento dos logares vagos de professores dos liceus. O concurso deve abrir-se dentro de 30 dias depois de verificada a vacatura; e o praso dos concursos é de 60 dias. As provas do concurso são documentaes e publicas, dadas na séde da respétiva circumscrição. As provas publicas, tanto escritas como oraes, de cada candidato versam sobre todas as disciplinas do grupo a que ele concorre. Os juris de concurso são nomeados pelo governo, e constituidos por um presidente e 4 professores de instrução secundaria e superior.

O REGRESSO D'EL-REI

Sua magestade el-rei o sr. D. Luiz, que saiu na quarta-feira de Plymouth, a bordo da corveta *Afonso de Albuquerque*, em direcção a Lisboa, deve chegar ao Tejo hoje á noute, desembarcando ámanhã no arsenal de marinha, onde receberá os cumprimentos oficiaes.

Depois de breve descanso no palacio da Ajuda, sua magestade seguirá para Cascaes, onde passará o dia 28, aniversario natalicio de suas altezas reaes os duques de Bragança.

Sua magestade a rainha e sua alteza real o principe regente irão esperar sua magestade el-rei fóra da barra, embarcando em Cascaes, se o tempo o permitir, a bordo do transporte *Africa*, que para esse fim irá ali fundear hoje de manhã.

Parte do ministerio acompanhará a familia real.

O couraçado *Vasco da Gama*, onde será içado o signal do almirante comandante geral da armada, que se instalará a seu bordo, o transporte *India*, as canhoneiras *Massabi* e *Cacongo*, os vapores da Empreza Nacional e da Companhia do Zaire, e varios vapores particulares, irão egualmente ao encontro da corveta *Afonso de Albuquerque*.

A guarda de honra a sua magestade no arsenal de marinha será feita por uma força de 200 praças do corpo de marinheiros. Toda a força da guarnição formará na praça do municipio, rua do Arsenal, caes do Sodré e Aterro, a fim de prestar as devidas honras ao augusto chefe do estado, e toda a força de cavalaria seguirá o trem que conduzir sua magestade do arsenal de marinha ao paço da Ajuda.

O dia da chegada de sua magestade a Lisboa é declarado de grande gala para todos os efeitos.

Quando sua magestade desembarcar no arsenal de marinha será recebido debaixo do palio pela camara municipal. O presidente da municipalidade, sr. dr. Fernando Palha, saudará sua magestade em nome da cidade.

Quando a corveta *Afonso de Albuquerque* demandar a barra será dado signal com tiros de peça (5 com intervalos) a bordo de um dos nossos navios de guerra, a fim de que os corpos saiam dos quarteis e se dê ordem ao programa da recéção.

Monsenhor Vanutelli, nuncio apostolico em Lisboa e chefe do corpo diplomatico acreditado junto á nossa côrte, já solicitou em nome d'esta ilustre classe uma audiencia de sua magestade para ela lhe apresentar os seus respeitos.

*

Damos em seguida o programa que o *Diario* publicou, regulando as ceremonias e preceitos que se hão-de observar por ocasião da chegada de sua magestade:

I—A solenidade da entrada e recéção publica de sua magestade ha-de ter lugar no dia 26 da corrente mez de setembro.

II—Quando sua magestade el rei chegar á foz do Tejo, as torres e fortalezas de mar e terra, e os navios de guerra, embandeirados de gala, darão uma salva real, de saudação e regosijo por tão fausto acontecimento.

III—Todos os corpos militares da guarnição da capital devem ser convenientemente dispostos para o ato da chegada de sua magestade, formando o corpo de marinheiros a guarda de honra no arsenal da marinha, devendo egualmente achar-se postada junto do mesmo arsenal a cavalaria, que houver em Lisboa, para servir de guarda de honra ás pessoas reaes.

IV—A corveta *Vasco da Gama*, transportes *India* e *Africa*, e outras embarcações do estado e de particulares que os queiram acompanhar, tomando os lugares que lhes forem designados, se dirigirão ao encontro da corveta *Afonso de Albuquerque*, que conduz sua magestade.

V—Para o embarque das pessoas que quizerem ir fóra da barra esperar sua magestade el-rei, se farão com intervalos de tres minutos, entre uns e outros, sinaes de cinco tiros de artilheria a bordo de um dos navios de guerra.

VI—Quando sua magestade sair em terra, no lugar do desembarque, no arsenal da marinha, se repetirá a salva real, que será annunciada por girandolas de foguetes, para servirem de sinal á mesma salva, e ao toque de musica nas bandas de todos os corpos militares em parada.

VII—Sua magestade a rainha, sua alteza real o principe regente, e suas altezas os srs. infantes D. Augusto e D. Afonso, acompanhados dos ministros e secretarios de estado, dos conselheiros de estado e oficiaes-móres da casa real, tencionam ir a bordo do transporte *Africa* esperar a sua magestade, e felicital o pelo seu feliz regresso a esta côrte.

VIII—Sua magestade, desembarcando no arsenal da marinha, entrará na sala ali preparada, e receberá n'esta ocasião os comprimentos e homenagens da camara municipal de Lisboa, em nome da cidade e de todo o municipio, pelo seu feliz regresso.

IX—Concluidas as ceremonias da recéção pela camara municipal, recolhem-se ao paço da Ajuda, suas magestades e altezas, sendo acompanhados pelos oficiaes móres e pela guarda de honra.

X—Os coches e carruagens reaes hão-de colocar-se proximo da porta do arsenal da marinha, até á ocasião da saida de suas magestades e de suas altezas.

As carruagens particulares ficarão no prolongamento da rua do Arsenal, para o lado da praça do Comercio, e ruas contiguas, a fim de receberem as pessoas que forem esperar sua magestade.

XI—As pessoas que acompanharem suas magestades e altezas até ao paço da Ajuda, serão recebidas depois da sua chegada pelos mesmos augustos senhores, a fim de lhes apresentarem as suas homenagens e felicitações.

XII—O dia da chegada de sua magestade el-rei é de grande gala.

XIII—Por motivo de feliz regresso de sua magestade, serão permitidos n'este dia os repiques de sinos, os fogos de artificio, as iluminações, e quaesquer outras demonstrações de regosijo publico.

XIV—Pelas repartições da mordomia-mór, do estribeiro-mór, e da guarda real serão expedidas ordens da sua competencia para o serviço que lhes incumbe por este programa.

XV—Pela publicação d'este programa e na conformidade dos decretos de 8 de novembro de 1843 e de 7 de dezembro de 1870, são avisados os titulares, e mais pessoas que formam a côrte, tribunaes, autoridades e funcionarios que costumam concorrer a atos solenes, a fim de irem esperar sua magestade.

XVI—O governador civil de Lisboa fará exercer com maior pontualidade toda a policia das carruagens e de quaesquer outros vehiculos, que hajam de percorrer as ruas e praças do transito do cortejo real, e bem assim tomará as disposições necessarias para manter a boa ordem e o cumprimento d'este programa na parte que depende das suas atribuições.

Paço, em 22 de setembro de 1886. —*José Luciano de Castro.*

Noticias Locaes

Saudação!—Regressa hoje á patria, depois de um acolhimento cordealissimo em todas as côrtes onde foi, sua magestade el-rei o sr. D. Luiz, nosso preclaro monarca. Que seja bem vindo, e que a capital e o reino o recebam com manifestações de entusiastico aféto. Nós aqui pomos a nota do nosso regosijo, saudando-o no seu feliz regresso.

Apontamentos de carteira.—Esteve na quarta-feira em Aveiro o nosso inteligente e ilustrado amigo, o sr. dr. Roberto Alves de Souza Ferreira, distintissimo advogado na vila da Feira.

— Regressou ha dias das Caldas de Vizela o sr. Mendes Leite. S. ex.a vem consideravelmente melhor dos seus antigos padecimentos.

— Está a banhos na Costa Nova do Prado o nosso ilustrado amigo o sr. dr. Manuel Maria da Rocha Madaíl, muito inteligente e zeloso 2.º oficial do governo civil d'este distrito.

— Tem passado incomodado de saude o sr. Mascarenhas Valdez, distinto capitão de cavalaria 10.

— Tem estado na sua casa do Funtão, d'onde regressa ao Porto no fim do mez, o nosso respeitavel amigo o sr. dr. Augusto Maria de Castro, muito digno ajudante da procuradoria regia do Porto, e distintissimo redátor da *Revista dos Tribunaes*.

— Está em Aveiro o sr. capitão de cavalaria Aires de Mascarenhas Valdez.

Instalação.—Sob a presidencia do snr. inspétor da fazenda Souza Lôbo, instalou-se hontem na repartição de fazenda do distrito a comissão creada por decreto de 17 de junho ultimo, para o julgamento das falhas de todos os documentos incobraveis existentes na recebedoria do concelho. Estiveram presentes, além dos srs. recebedor de comarca e escrivão de fazenda, que foi o secretario, os revd.os parocos da Vera-Cruz, Eixo, Eirol, Esgueira, Arada, Cacia e Oliveirinha, não comparecendo os da Gloria, Requeixo, Nariz e Palhaça por motivo justificado.

Remonta.—Vieram alguns cavalos para o regimento de cavalaria 10. Na maior parte são bons, e muito superiores aos que forneceu o sr. Bomtempo, com quanto custassem menos dinheiro. A comissão da remonta ajustou-os a 32 libras cada um.

D'este modo se vae prehenchendo as vagas que ha no regimento. E como a compra se faz em Aveiro, a comissão escolhe á sua vontade, regeitando o que lhe parece mau para o serviço.

Continuando este sistema é de prever, que terá grande desenvolvimento a criação de gado, havendo o maior escrupulo na escolha das eguas mães. E' tempo, nos parece, de que a raça hipica preste á agricultura os subsidios que ela tem direito a esperar, se se continuar a preserverar na escolha dos animaes reprodutores.

O posto hipico de Aveiro é um dos melhores do paiz, e estamos certos de que continuará a sustentar os creditos que soube grangear no aperfeiçoamento do gado cavalar.

Alvoroço. — Ante-hontem de tarde desconfiou alguem que em uma casa da rua de José Estevão, cujos moradores se acham a banhos, se tinham introduzido os ratoneiros. Dizia-se que se ouviam passadas e o arrastar de cousas pelo chão. Aberta a porta da rua e revistada a casa, nem sequer se encontrou vestigio de ali ter entrado alguem depois que a mesma familia foi para o mar.

Antes assim, mas a cousa contava-se em segredo a toda a gente, e a visinhança esteve em pasmaceira até quasi ás 8 e meia da noute.

A Senhora da Saude.—Como dissemos, começa hoje, na Costa Nova do Prado, esta romaria, com uma vespera ruidosa, *pois assistem duas filarmonicas*, a da Murtosa e outra d'Aveiro, ha fogo preso e iluminação, e ámanhã função d'Egreja e procissão. Deve ser grande a afluencia de romeiros das povoações circumvisinhas.

Festa na Barra.—Em consequencia de desinteligencias entre os banhistas não ha este ano na segunda-feira a festa á Senhora dos Navegantes. Apesar d'isso, porém, o povo não deixará de concorrer ao local, para se divertir.

Arraial de S. Mateus.—Já tinhamos previsto isso mesmo. No arraial de S. Mateus, em Sever do Vouga, no dia 21, houve grave desordem, de que, pelo menos, saiu ferido na cabeça Custodio Tavares, de Pecegueiro. Boa providencia, pois, foi a da autoridade administrativa mandar ir para ali n'esse dia força armada; quando não, a desordem podia ter tomado maiores proporções.

Desgraça.—Ha dias, na praia da Torreira, e no sitio onde naufragou ha anos o vapor *Nathalie*, foi arrastado pelo corrente do mar, e morreu afogado, Francisco Carráto, natural da Povoa do Paço, freguezia d'Esgueira, d'este concelho, mas casado na Murtoza, e que ha tres mezes regressára do Pará. Ainda não apareceu o seu cadaver.

Atrazo do comboio do correio.—O comboio do correio de Lisboa n.º 45, de ante-hontem de manhã, chegou á estação d'esta cidade com um atrazo de duas horas. Deu causa a esta demora a circumstancia de ter descarrilado ao entrar nas agulhas da estação de Santarem.

Trafego agricola.—A chuva dos penultimos dias, que se traduziu n'um grande bem social, poz em movimento toda a região agricola. Era curioso ver como mesmo sob continuas bátegas d'agua, sob um diluvio de chuvas os lavradores atarefados com a sementeira d'érvas e nabaes, arregaçavam a terra com os seus arados e lançavam n'ela as sementes que são o futuro esperançoso dos seus campos. Póde afirmar-se que as terras altas do distrito, que se destinam á sementeira de érvas, ficam todas prontas esta semana e isso monta a muitos mil moios.

Vindimas.—Vão muito adiantadas as vindimas, e por alguns pontos julgam-se até concluidas. A colheita não é em toda a parte egual á do ano passado, mas em algumas regiões não lhe será muito inferior, e em todo o caso o genero será muito especial, mesmo o que foi colhido depois das chuvas, que receberam assim uma lavagem muito proveitosa.

Colheita de sal.—Terminou por este ano a colheita do sal. As chuvas foram de muito pezo—de tanto que dificilmente poderá haver as chamadas revoltas, que são como que o complemento dos trabalhos marnotaes e que em alguns anos alguma cousa produzem.

O tempo está quente e é ainda possivel que algumas salinas venham a produzir; mas o mais certo é que, este ano não haverá mais sal.

A colheita foi apenas regular, e talvez mediocre com relação a outros anos. Apesar d'isso, e apesar de ser muito limitada a porsão de sal velho existente na ria, o preço do novo é de 22$500 reis o barco de 15:000 litros.

Trabalho no mar.—Desde segunda-feira que não ha trabalho no mar. A semana anterior produziu alguma pesca; a que hoje finda foi de completa abstenção de serviço, porque o mar se levantou de modo que o não permittiu mais. As pescas da semana anterior tiveram diferentes preços. As ultimas vendas efétuaram-se por 900 reis o milheiro, e a existencia nos depositos é pequenissima, porque pequena foi tambem a quantidade da pesca colhida no geral das costas.

Hoje o mar é bom e as companhas trabalham todas.

Pesca na ria.—O engrossamento das aguas do monte por virtude das ultimas chuvas, trouxe á ria maior quantidade de enguias, de cuja especie o mercado tem estado mais abastecido n'estes ultimos dias, sendo o preço muito razoavel. Das outras especies de pesca tambem tem havido quantidade razoavel.

Trovoada.—Na quarta-feira á noite sentiu-se n'esta cidade, para o lado do sul, uma trovoada, que logo se desvaneceu com muita chuva.

O outono. — Começou hontem com um dia esplendido esta estação.

Noticias Diversas

Os panegiristas de D. Pedro IV.—O nosso colega do *Jornal da Manhã* publicou a seguinte lista dos oradores sagrados que teem feito o elogio funebre do duque de Bragança, nas exequias que anualmente se celebram no templo da Senhora da Lapa.

1835 Antonio Osorio Gondim, abade de Gigeiros. Imprimiu o discurso.

1839 Luiz Moreira Maia da Silva, abade de Macieira e depois de Santo Ildefonso. Imprimiu.

1840 José Alves de Souza, abade de Santo Ildefonso. Imprimiu.

1841 Joaquim de Santa Clara e Silva, egresso e lente da academia politecnica do Porto. Imprimiu.

1842 Antonio Alves Martins, egresso *e depois bispo de Vizeu*.

1843 Domingos da Soledade Silos, prior de Vila do Conde, prégador régio. Imprimiu.

1844 O mesmo.

1845 O mesmo.

1846 Antonio Joaquim Soares, beneditino e depois abade de S. Nicolau.

1847 Antonio do Carmo Velho Barbosa, prégador regio, abade de [illegible] do Balio. Imprimiu.

1848 Francisco Gomes Carneiro, prégador regio e abade de Jogueiros. Imprimiu.

1849 D. Luiz do Pilar Pereira de Castro, doutor em direito, conego Deão da Sé do Porto e deputado da nação. Imprimiu.

1850 Dr. Rufino, lente de matematica na Universidade de Coimbra. Imprimiu.

1851 Antonio Lopo Correia de Castro, frade, bacharel em direito e chantre da capela da Universidade. Imprimiu.

1852 Antonio d'Ascenção e Oliveira, abade d'Aguas Santas. Imprimiu.

1853 Antonio Joaquim Soares.

1854 Antonio d'Ascenção e Oliveira. Imprimiu.

1855 José Maria de Sant'Ana e Silva, prégador regio e abade de Mafamude.

1856 Antonio d'Ascenção e Oliveira. Imprimiu.

1857 José Vieira de Souza, abade de Requião, prégador regio. Imprimiu.

1858 O mesmo. Imprimiu.

1859 Antonio Joaquim Soares.

1860 Joaquim Alves Mateus, bacharel em teologia, deputado da nação e conego da Sé de Braga. Imprimiu.

1861 João Pereira d'Araujo Tapada, reitor de Ribeira de Pena, em Vila Real.

1862 Augusto Cesar da Cunha Menezes, prégador regio e abade da Folhada. Imprimiu.

1863 Antonio José Pereira Leite Junior, prégador regio e abade de Cristelos, em Louzada. Imprimiu.

1864 Francisco Soares Franco Junior, conego da Sé da Guarda. Imprimiu.

1865 Augusto Cesar da Cunha Menezes. Imprimiu.

1866 José Maria de Sant'Ana e Silva.

1867 Manuel Ribeiro de Figueiredo, abade d'Anta e prégador regio. Imprimiu.

1868 Antonio Alves Mendes da Silva Ribeiro, conego da Sé do Porto, bacharel em teologia e prégador regio.

1869 Eduardo Vieira de Meireles, abade de Perosinho, concelho de Gaia. Imprimiu.

1870 Não houve sermão.

1871 Augusto Cesar da Cunha Menezes. Imprimiu.

1872 Antonio José Pereira Leite Junior.

1873 José Rodrigues Portela, abade de Aguada, em Oliveira do Bairro. Imprimiu.

1874 Francisco José Patricio, prégador regio. Imprimiu.

1875 José Maria de Sant'Ana e Silva, abade de Mafamude.

1876 Francisco de Moura Seco, abade de Rua, bispado de Lamego. Imprimiu.

1877 Manuel Ribeiro de Figueiredo. Imprimiu.

1878 Francisco José Patricio, então paroco de Paranhos.

1879 Manuel Ribeiro de Figueiredo.

1880 Manuel de Sousa Rocha, abade de Loureiro, no Pezo da Regoa. Imprimiu.

1881 Francisco José Patricio, então deputado pelo circulo ocidental do Porto.

1882 o mesmo orador.

1883 Antonio Alves Mendes da Silva Ribeiro.

1884 o mesmo orador.

1885 Manuel Antonio Borges, paroce de Athey, em Basto.

D'estes oradores téem ocupado por varias vezes a tribuna sagrada n'esta solenidade os seguintes:

Padre Patricio 4 vezes; abade de Mafamude (Sant'Ana, abade da Folhada (Cunha Menezes), Conego Alves Mendes, abade de Anta (Figueiredo), Abade d'Aguas Santas (Ascenção), Abade de S. Nicolau (Soares) e Prior de Vila do Conde (Silos) por tres vezes; Abade de Requião (Vieira) e Abade de Cristelos (Pereira Leite) duas vezes.

Já faleceram 14 e estão vivos 13.

As categorias que tiveram foram as seguintes: 1 bispo, 1 ministro d'estado, 5 deputados, 4 frades, 4 conegos, 19 parocos e 6 professores d'ensino secundario e superior.

Tem havido 46 discursos e estão impressos 30.

O castelo d'Obidos.—Refere o nosso colega do *Diario Popular* que quando em agosto d'este ano sua magestade a sr.ª D. Maria Pia foi fazer uso das aguas das Caldas da Rainha, um dos sitios que mais a encantou e onde foi passear muitas vezes, foi Obidos, os seus campos, a sua lagôa e o seu castelo. Sua magestade, achando-o tão original e tão admiravelmente colocado, considerando-o uma verdadeira maravilha de arquitetura, deixou ver que tinha projétos de fazer a sua acquisição, mandando-o reconstruir, tornando-o habitavel nos mezes de verão.

A camara municipal de Obidos, tendo conhecimento dos desejos de sua magestade que, realisados eles, seriam de um tão grande beneficio e de uma tão alta importancia para aqueles sitios, fazendo de Obidos e suas proximidades uma soberba estação de verão, resolveu oferecer a sua magestade as ruinas do castelo, em sinal de reconhecimento pela visita de sua magesta áquela vila.

Damos em seguida a áta da sessão camararia, em que esta decisão foi tomada—áta que o reverendo Antonio José d'Almeida, um ilustrado sacerdote que muito tem coligido ácerca de Obidos e das suas antiguidades, acaba de trazer a Lisboa e de apresentar a sua magestade a rainha.

—

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e oitenta e seis, aos vinte e cinco dias do mez de agosto, do dito ano, n'esta nobre vila de Obidos, e sala das sessões da camara municipal d'ela aonde se achavam presentes o presidente da mesma camara Moraes, e os vereadores Leite, Silva, Pinto, Moreira e Amaral, faltando o vereador Furtado.

O presidente abriu a sesão.

Por proposta do presidente deliberou a camara, por unanimidade, se remetesse a sua magestade a rainha o seguinte:

Senhora.—A muito nobre e sempre leal Vila d'Obidos, honrando-se sumamente de ter sido propriedade das senhoras rainhas de Portugal desde que em arrhas de casamento foi dada á senhora Dona Urraca, esposa d'el-rei D. Afonso II.—Recordando gratamente o especial protecionamento que sempre lhe dispensaram as senhoras rainhas de Portugal, e muito especialmente a Rainha Santa, a benemerita senhora D. Leonor, esposa d'el-rei D. João II, e a senhora D. Catarina, esposa d'el-rei D. João III;—esta mandando construir o nosso monumental aqueduto, aquela continuando, por meio das Misericordias, a bemdita missão de caridade publica que a Rainha Santa aqui iniciou, instituindo cá as primeiras Gafarias;

A muito nobre e sempre leal Vila d'Obidos para dar um publico testemunho da sua gratidão pela honra que ha pouco recebeu com a especial visita de vossa real majestade, e por lhe constar que é do agrado de vossa real magestade o possuir o castelo obidense,—convocada a corporação municipal d'este concelho, resolvido foi em sessão plena que aos pés de vossa magestade fosse posta a oferta da propriedade do referido castelo, e respétivos direitos.

Mesquinha é, senhora, e bem pobre a offerenda; mas é muito grande a boa vontade dos oferentes, e o vivo empenho d'eles em significarem a vossa real magestade quanto veneram e adoram a sua tão bela, como grande rainha.

Saudando respeitosamente mais uma vez a vossa real magestade, a muito nobre e sempre leal Vila d'Obidos põe tambem no subpedaneo do augusto trono de vossa real magestade todos os seus cultos por a mulher, que, com o ser rainha em toda a grandiosa aceção da palavra sabe tambem, e tão bem juntar o ser—a mãe dos pobres.—Deus alongue muito e muito a bemdita existencia de vossa real magestade, e Lhe tapéte de flores da ventura perene a senda do benefico viver, como hemos mister.

Deliberou mais a camara, que seja portador da presente oferta o padre capelão do real santuario do Senhor Jesus da Pedra, o reverendo Antonio José d'Almeida.

(Assinados):—Francisco Manuel de Moraes da Silva e Souza, Alfredo Leite Pereira de Melo, Gabriel Gonçalves da Silva, José Maria Pinto, Viriato Moreira, Joaquim da Costa Amaral.

Está conforme.

Secretaria da camara municipal do concelho de Obidos, 15 de setembro de 1886. — O escrivão, *Joaquim Maria da Silva Freire Junior*.

Assuntos aduaneiros.—No *Diario do Governo* veiu publicada a seguinte portaria:

«Tendo subido ao conhecimento de sua alteza o principe real, regente em nome d'el-rei, que os conhecimentos e manifestos relativos s carregamentos de tabacos se apresentam nas alfandegas do reino sem conterem os esclarecimentos indispensaveis para a exatidão das verificações e perfeita noticia do valor tributavel d'esse genero; e achando-se preceituado que os conhecimentos devem indicar o numero dos volumes, o seu peso ou dimensão, e o frete, e bem assim que os manifestos sendo um sumario da carga, devem escrupulosamente conferir com os conhecimentos e declarar o valor das mercadorias e a sua origem, cumprindo mais que, além de assinados pelos capitães, sejam autenticados pelos consules portuguezes dos portos da procedencia: Sua alteza o principe real, regente em nome d'el-rei, ha por bem determinar que nas alfandegas do continente do reino e ilhas adjacentes se considerem sempre como indispensaveis para os efeitos regulares do despacho, as declarações mencionadas, tanto nos conhecimentos como nos manifestos; e, na falta d'elas, os capitães ficarão sujeitos, como infratores, ás penas estabelecidas nas leis e regulamentos fiscaes.

Paço, em 21 de setembro de 1886.—*Mariano Cirilo de Carvalho.*»

Heroismo de creança. — Refere o nosso colega da *Provincia* que na quinta-feira, em Vila do Conde, pelas 10 horas da manhã, em virtude das ultimas chuvas, o rio Ave cresceu desusadamente, inundando as margens, para o que concorreu tambem a maré cheia.

Algumas creanças brincavam descuidosamente na nova avenida, que se anda construindo no caminho da estação. Uma d'elas, da edade de 7 anos, filha de Antonio Lopes Pereira Cadeco, caiu ao rio e ter-se-ia inevitavelmente afogado, arrastada pela corrente, se outra—um pequeno heroe—da edade de 9 anos, se não lançasse corajosamente á agua, salvando a muito custo o seu infeliz companheiro.

Receita vinicola. — Um periodico scientifico dá a seguinte receita, já experimentada com bom exito para desenvolver toda a força produtora a uma vinha antiga, tenha ela cincoenta, sessenta ou mais anos: Na primavera faz-se no tronco da cepa, logo acima do nó vital, uma incisão circular de dois ou tres milimetros de profundidade, o que faz com que o nó produza vigorosos rebentos. No verão seguinte cortam-se os ramos da cepa que não produz fruto e aparam-se os restantes, a fim de concentrar a seiva no nó vital e nos ramos que d'ele partem. No inverno imediato póda-se tudo o que é velho, deixando sómente os rebentos e ramos novos, os quaes fórmam a planta rejuvenescida. Ao mesmo tempo devem cobrir bem as raizes com terriço. Se no primeiro ano não surtirem rebentos, repete-se a operação no ano seguinte.

Ponte.—Está-se procedendo ao empedramento da ponte de Entre-os-Rios.

O jejum de Succi.—Durante o mez que durou o seu jejum, Succi bebeu 7 kilos de agua de Vichy, 1:200 gramas de agua de Humjadi-Jarros e 16 litros de agua pura.

A viagem d'el-rei.—A'cerca da visita de el-rei a Bruxelas, lê-se na *Independance Belge:*

«O espétaculo de gala, no teatro da Moeda, esteve brilhante, apesar do publico elegante d'estas representações oficiaes não ter voltado ainda das suas excursões de estio.

A plateia estava cheia, vendo-se muitas senhoras ostentando ricas *toiletes*. Nos camarotes viam se os membros do corpo diplomatico, altos funcionarios belgas e muitas senhoras da alta sociedade bruxelense.

O rei de Portugal, o rei e rainha dos belgas chegaram ás 9 horas em ponto. A' entrada de SS. MM. foi saudada pela orquestra com o hino nacional portuguez, um hino que não tem muita originalidade. Os espétadores pozeram-se de pé e aclamaram vivamente os tres soberanos.

O conde de Rilvas, minisiro de Portugal e a condessa de Rilvas, os dignatarios da côrte e o general Nicaise e todos os personagens do sequito do rei D. Luiz ocupavam o grande camarote dos ajudantes de campo do rei.

O espétaculo terminou com o hino portuguez e as aclamações da sala. Os dois soberanos e a rainha aplaudiram por vezes os principaes tréxos do *Miseile* e do 4.° áto da *Africana*.

A sahida de SS. MM. fez-se com o ceremonial do costume pelos dois dirétores srs. José Dupont e Lapiseida.

No dia seguinte, quinta-feira, o rei de Portugal, acompanhado do seu ajudante de campo o tenente-coronel Almeida, deu um passeio pelo parque e pelos *boulevards* do Regente e de Waterloo. O monarca portuguez e o sr. Almeida trajavam á paisana: casaco e chapéu alto. O passeio, que começou ás 9, durou tres quartos de hora.

Logo que entrou no palacio, o sr. D. Luiz recebeu o tenente-coronel visconde de Pernes, adido militar da legação portugueza, e M. Matíeu, consul geral de Portugal em Bruxelas.

A's 10 horas e 3 quartos, uma carruagem fechada atrelada a dous cavalos, conduziu o rei de Portugal ao palacete do principe Vitor Napoleão.

O rei D. Luiz ía acompanhado do tenente general Nicaise. A visita do rei em casa do principe Vitor durou tres quartos de hora. O principe apresentou a S. M. os srs. Edmundo Blanc, chefe do seu gabinete, Paulo Boutros, seu secretario, o marquez de la Valete, o conde de Maziéres e o marquez de las Mariones, que se acham atualmente em Bruxelas.

Em seguida o rei D. Luiz e seu sobrinho o principe Vitor retiraram-se para o gabinete d'este ultimo, onde conversaram intimamente.

O rei de Portugal entrou no paço ás 11 horas e meia. O rei e a rainha dos belgas e a princeza Clementina esperavam-o para almoçar.

Uma hora depois, tres coches de gala conduziram o rei de Portugal, o rei dos belgas e os personagens do seu sequito á estação de Luxemburgo onde SS. MM. entraram para uma carruagem-salão de gala.

O rei D. Luiz trajava o uniforme de general portuguez.

Após alguns minutos, o comboio pôz-se em marcha para Antuerpia.»

A respeito da visita do rei de Portugal a Antuerpia, publíca o referido jornal o seguinte telegrama:

Antuerpia 16—A chegada do rei e do seu hospede, o rei D. Luiz, atrahiu muita gente á *gare* de Leste.

As forças encarregadas de prestar as honras devidas aviam tomado as suas posições. As forças compunham-se de um batalhão do 13.° de linha e de um outro do 5.°, com a musica d'este ultimo regimento, sob o comando do coronel Ungricht. Alguns minutos antes da chegada do comboio real, uma bateria de artilheria deu uma salva de 51 tiros. Entre as notabilidades que esperavam os soberanos, notavam-se os srs. Pycke, governador da provincia; Leopoldo de Wael, burgo-mestre de Antuerpia; Bolekens, diretor dos caminhos de ferro do Estado, consul de Portugal, general Hapiot e tres ajudantes de campo.

O comboio real chegou á hora e 30 minutos em ponto.

Os soberanos passaram revista á força que prestava as honras militares. Em seguida o rei Leopoldo apresentou a D. Luiz as authoridades que se achavam presentes.

O sequito das carruagens pôz-se imediatamente em marcha no meio das aclamações *de uma multidão consideravel*. Abria o cortejo a carruagem do burgo-mestre; seguia-se imediatamente a do governador; depois vinham dous batedores, precedendo o coche dos dous soberanos atrelado a quatro cavalos.

O sequito percorreu o seguinte itenerario: avenidas Keyser e Wapers, boulevard das Artes até á estatua de Quentin-Metsys, praça Loos, para ali admirar o monumento elevado á memoria d'aquelle burgo-mestre. Em seguida o cortejo rodeou o parque, passou adiante da estatua de Jordaens, diante do edificio do Banco Nacional e da estatua do rei Leopoldo I, para se dirigir ao monumento da franquia do Escalda e d'ali á praça do Povo, Muzeu, etc.

O cortejo régio continuou pelos caes do Escalda até á Porta da Agua, onde os dous soberanos e o seu sequito se apearam para subirem ao terraço do caes Van Dick e descerem a rampa do canal do Assucar.

A multidão era grande por toda a parte, sendo os dous soberanos calorosamente aclamados pela população.

O rei de Portugal admirou muito o panorama do Escalda e felicitou vivamente o burgo-mestre. Todos os navios estavam embandeirados.

Os soberanos assinaram o livro de ouro do edificio da municipalidade.

— Na quinta-feira realisou-se no palacio real de Bruxélas o jantar de despedida, composto de 60 talheres. Entre os convivas contavam-se, além dos funcionarios do paço, o conde de Rilvas, ministro de Portugal, e sua esposa; Beernaert, chefe do gabinete, e sua esposa; principe de Chimay, ministro dos negocios estrangeiros; governador da provincia de Brabant; burgomestre de Bruxélas; governador de Anvers; general Nicaize, oficial ás ordens do rei de Portugal durante a sua permanencia na Belgica; conde de Caen e visconde de Alfacache Rilvas, secretario e adido da legalação portugueza; Van Aertvelde, administrador geral do governo central do Congo; pessoas do sequito de el-rei; etc.

Terminado o jantar, foi servido o café em outros aposentos e os dois monarchas, bem como a rainha dos belgas, estiveram a conversar com os convidados até ás 10 horas.

Em seguida as pessoas reaes dirigiram-se para o teatro da Moeda, onde chegaram quando se cantava o 3.° áto da *Favorita*, demorando-se até ao fim do espétaculo.

El-rei vestia grande uniforme e a rainha dos belgas ostentava na cabeça um rico diadema de brilhantes.

Na sexta-feira, de manhã, sahiu de Bruxélas el-rei D. Luiz, recebendo as mesmas honras militares que lhe foram prestadas á chegada.

Desde a praça do Palacio até á de Luxemburgo estavam postados sete regimentos e batalhões de diversas armas.

A's sete horas e meia sahiram do palacio os tres coches de gala que conduziam os reis de Portugal e da Belgica e as pessoas dos seus sequitos á estação de Luxemburgo. A concorrencia nas ruas do transito era numerosa, apesar da hora matinal.

Os dois monarchas vestiam os uniformes de generalissimo, ostentando o de Portugal a gran-cruz de Leopoldo e o da Belgica a da Torre e Espada.

A' portinhola da direita cavalgava o general Van der Smissen e á da esquerda o coronel O' Sulivan de Terdeck. A escolta era formada por dois esquadrões.

A estação estava ornamentada e n'ela fazia a guarda de honra um batalhão do regimento de granadeiros. Os monarchas eram ali esperados pelo conde e condessa de Rilvas, conde de S. Miguel, ministro de Portugal na Haia; encarregado de negocios do Brazil, ministro da Italia, barão de Sant'Ana, antigo diplomata portuguez, e muitas outras pessoas de distinção. Para todas teve el-rei D. Luiz uma palavra amavel, agradecendo ao burgomestre de Bruxélas a receção que lhe foi feita na capital.

Em seguida os dos monarchas passaram revista ao batalhão dos granadeiros, elogiando el-rei D. Luiz a bela apresentação das praças.

Depois subiram para o comboio real, bem como diversos funcionarios, e o trem partiu ao som do hino portuguez, chegando a Ostende ás 9 horas e 58 minutos, tambem ao som do hino portuguez. Fazia a guarda de honra na estação um regimento; e viam-se ali o burgomestre, governador da provincia, Duclos, vice-consul de Portugal, etc.

Feitos os cumprimentos e passada revista ao regimento, el-rei D. Luiz foi transportado a bordo do paquete *Princi-pe Baudoin*, acompanhado por todo o sequito.

Depois os dois monarchas despediram-se, abraçando-se cordealmente, o rei Leopoldo foi colocar-se em um vapor amarrado junto do paquete, fazendo sinaes afétuosos ao seu hospede. El-rei D. Luiz permaneceu na coberta emquanto o vapor esteve á vista do porto. Quando o paquete se poz em movimento um destacamento de artilheria montada deu uma salva de 101 tiros.

Com respeito á chegada de el-rei D. Luiz a Inglaterra dá o *Times* as seguintes informações:

S. M. desembarcou em Dover cerca das 5 horas da tarde de sexta-feira, sendo esperado por lord Heniker e general Gardiner, como representantes da rainha Vitoria; ministro de Portugal, sr. Dantas; Luiz Soveral e Luiz de Quilinan, secretarios da legação; capitão Vaz, adido naval; conde de Anadia, adido; A. Pinto Basto, consul geral, etc.

Uma força militar fazia ali a guarda de honra.

Pouco depois el-rei e o seu sequito tomaram um comboio especial para Londres, chegando á estação da Vitoria ás 5 horas e um quarto. A estação estava profusamente ornamentada, vendo-se ali numerosas pessoas; e a guarda de honra era feita por um batalhão de granadeiros. O rei de Portugal era esperado pelo principe Alberto Vitor de Gales, a quem S. M. cumprimentou afétuosamente, bem como a outras pessoas.

Em seguida el-rei e o principe tomaram logar em um esplendido *landeau* da casa real, puxado por quatro cavalos e dirigiram-se para o palacio de Buckingham, ao mesmo tempo que as forças apresentavam armas e a banda executava o hino da Carta Constitucional de Portugal, seguindo atraz do *landeau* uma escolta de cavalaria.

Esperava-se que el-rei D. Luiz permanecesse em Londres até sabado, 25 do corrente.

Os grandes crimes.—O nosso presado amigo e colega do *Conimbricense* o sr. Joaquim Martins de Carvalho, está publicando n'este esplendido repositorio as noticias dos grandes crimes, que teem sido julgados em Coimbra.

Diz ele:

«Nos anos de 1799, 1800, 1801 e 1802, organisou-se nas proximidades d'esta cidade e outros pontos da provincia uma grande associação de malfeitores, chegando ao numero de 53, afóra os cumplices desconhecidos da quadrilha.

O seu audacioso chefe era José de Campos, de 31 anos de idade, do Espinhal, sapateiro e solteiro.

Entre estes malvados tornavam-se mais salientes os seguintes:

Manuel Fernandes Figueirinhas, de 30 anos, de Pousafoles, termo de Miranda do Corvo, casado, almocreve.

Martinho Soares da Costa, de 26 anos, de Escarigo, junto de Castelo Rodrigo, solteiro, cigano.

Antonio Gomes (pae), de 54 anos, natural de Constantina, concelho de Sarzadela, comarca de Coimbra, casado, trabalhador.

Manuel Rodrigues Monteiro, de 35 anos, natural dos Palhões, termo de Montemór-o-Velho, viuvo, tanoeiro.

José dos Santos Carvalhinho, de 40 anos, do Espinhal, casado, alfaiate.

Francisco Antonio Guedes, de 29 anos, filho d'um cirurgião, de Socaes, termo da vila de Lamas de Orelhão, desertor da brigada de marinha.

José Joaquim de Sousa, por outro nome José Cardoso, de 27 anos, de S. João da Pesqueira, desertor do regimento de Penamacor.

José Manuel Duarte Galhas, de 30 anos, de Coimbra, solteiro.

Antonio Joaquim Rafael Duarte, de 26 anos, irmão do Galhas, casado, desertor do regimento de cavalaria de Castelo Branco.

Manuel de Amorim, de 23 anos, de Formozelhe, comarca de Coimbra, solteiro, desertor do regimento de Cascaes.

Bernardo Pires, de 30 anos, do Espinhal, viuvo, trabalhador.

Antonio José Pinto, de 32 anos, da freguezia de Santa Isabel de Lisboa, solteiro, criado de ciganos e tambem barbeiro.

Pedro Lopes, de 35 anos, de Sepões, termo de Vizeu, casado, tendeiro volante.

Manuel José Lucas, de 26 anos, de Santar, concelho de Canas de Senhorim, casado, marchante.

Jeronimo Barbosa, de 34 anos, de Fontoura, junto de Valença do Minho, assistente em Sepões, casado, pedreiro.

Antonio Francisco Lourenço, de 40 anos, da Esculca (ou de Repezes, termo de Vizeu), casado, trabalhador.

Os principaes pontos de reunião d'esta quadrilha de malfeitores era em Condeixa, na Lapa do Lobo, e mais particularmente na Cruz dos Morouços, aproximadamente a 4 kilometros de Coimbra.

D'ahi se destacavam, armados de clavinas, pistolas e paus, uns a pé, outros a cavalo, em diversas partidas, e por diferentes sitios, na execução de muitos roubos de que viviam.

Mencionaremos alguns dos numerosos crimes cometidos por esta quadrilha, que por muito tempo infestou esta provincia.

No dia 27 de julho de 1801, José de Campos, com o seu famigerado companheiro Manuel Fernandes Figueirinhas e um outro socio, pretenderam roubar ao alferes Manuel Francisco Homem, do logar de Santa Olaia, termo de Tondela, na serra do Cantaro, na estrada da dita vila para Coimbra, por saberem que ele por ali havia de passar com grande quantia de dinheiro para Lisboa, sendo para isso informados por outro socio chamado João Diogo.

Encaminhando para a estrada da vila de Botão, apezar de encontrarem o dito alferes na estrada, o não atacaram, por falta de ocasião; mas logo ajustaram de executar o projetado roubo, na charneca da villa de Pombal, para onde partiram n'essa mesma noite, fazendo varias esperas até ao dia 29 do mesmo mez.

Na manhã d'esse dia, entre as 7 e 8 horas, atacavam o referido alferes, adiante da Venda do Peste, distante de Pombal 7 kilometros e meio.

José de Campos encarou-lhe uma clavina, dizendo-lhe que parasse, aliás que morria; e querendo o alferes lançar mão a um bacamarte que levava, o mesmo José de Campos fez ação de disparar a clavina.

N'esse tempo, outro malfeitor, dirigindo-se a Antonio Cardoso, companheiro do alferes, deu-lhe com outra clavina uma grande pancada no peito, fazendo-o apear, e levou o macho, em que este ia montado, para uma pequena distancia da estrada. Ahi cortou as bolsas da sela, uma das quaes continha a quantia de reis 5:439$400 em dinheiro, pertencente ao alferes.

Em seguida, os malfeitores, caminhando para a parte d'um monte, tiraram o dinheiro da bolsa, e se ausentaram, vindo repartir o dinheiro em um pinhal, que fica junto á Senhora do Loreto, ao norte d'esta cidade de Coimbra, na estrada dos Fornos.

Em a noite de 20 de janeiro de 1802, antes das 8 horas, foi atacada Guiomar Maria Calhabé, moradora no sitio da Cheira, suburbios de Coimbra, na sua propria casa, por José de Campos, José dos Santos Carvalhinho, Francisco Antonio Guedes, José Joaquim de Sousa, ou José Cardoso, Lourenço José dos Santos, José Manuel Duarte Galhas, seu irmão Antonio Joaquim Rafael Duarte, Manuel de Amorim, e um outro malfeitor, de quem não sabemos o nome.

Entrando todos pela porta da rua, que estava aberta, armados de espingardas, pistolas e facas, amarraram a dita Guiomar, lançaram-n'a sobre um banco, e pondo-lhe um alguidar por baixo, um dos malfeitores lhe deu algumas picadas, para a obrigar a declarar onde tinha o dinheiro; e porque assim o não fez, a levaram ao quintal, onde, fazendo uma cova, a quizeram enterrar, ao que obstou um dos socios.

Conduzindo-a novamente a casa, arrombaram-lhe as gavetas, caixões, comoda e bahus, roubando-lhe os objetos de oiro que encontraram, dinheiro, roupas, milho, centeio, farinha e até um porco vivo.

Os malfeitores foram em seguida fazer a partilha do roubo na casa e quinta em que viviam os Duartes, com as suas amasias.

Os teatros de Lisboa.—Segundo consta, as companhias dos nossos teatros, na epoca de 1886-1887, ficam constituidas do seguinte modo:

D. Maria II—Funciona com a mesma companhia.

Trindade—Apresenta as seguintes alterações: escriturou o ator Cardoso, do teatro do Principe Real do Porto, e uma atriz nova. E' ensaiador o sr. Moutinho, que já tem desempenhado este cargo em diferentes teatros do Porto.

Ginasio—Estão escriturados os seguintes artistas: Vale, Soler, Eloy, Gama, Silveira, Carvalho, Socorro, Telmo, Cardoso, Barbara, Beatriz, Jesuina, V. Farrusca, Eugenia Smith e Emilia Lopes.

Principe Real—Fica com a mesma companhia, a que se junta a atriz Amelia Vieira.

Recreios—Figuram n'este teatro: Joaquim d'Almeida, Augusto de Melo, Sergio d'Almeida, Pinheiro, Carlos Rocha, Ernesto do Vale, Bayard, Lima, Lucinda do Carmo, Guilhermina de Macedo, Maria do Céu, sua filha, e mais alguns artistas menos conhecidos.

Novas de Longe

O czar e o principe Alexandre.—Mr. Saint-Cér (*Sincère*), publicou no *Figaro* um estudo em que, pondo de parte as razões politicas e de raça a que obedece a influencia russa nos negocios da Bulgaria, explica a intervenção do czar n'aquele principado por antigas antipatias entre o autocrata e o principe destronado.

O odio do czar para com Alexandre data da infancia de ambos. O czar nunca poude perdoar ao principe que elle fosse filho d'uma plebeia, mademoisele Hancke. A primeira vez que o czar e o principe se viram, depois que o pae d'este abandonára a Russia, logo após o seu enlace com mademoisele Hancke, foi que o czar (que ainda o não era) concebeu o desejo de «expulsar aquele estrangeiro».

Uma noite tinha o czar Alexandre II o ex-principe da Bulgaria sentado nos joelhos. O pequenito principiou a bulir nas condecorações que o czar tinha ao peito.

— Quando fôres grande—disse-lhe o czar—e chegares a general, dar-te-ei uma condecoração com diamantes.

— Já temos generaes de mais na Russia—disse animadamente o czarewitch da sua cadeira.

O odio foi aumentando com o tempo. Quando foi apresentada a candidatura de Alexandre ao trono da Bulgaria, tornou-se ele mais visivel que nunca.

O czarewitch jurou que sairia de S. Petersburgo se seu pae, o czar, consentisse n'essa nomeação.

Mas a nomeação foi feita. Estava ao tempo a côrte em Peterhof e um oficial que voltava da Bulgaria, disse ao czarewitch que o principe Alexandre estava orgulhoso como um leão.

— Ora!—exclamou o czarewitch—o leão não vale grande cousa na Bulgaria.

A interpretação da frase do czarewitch está em saber-se que *leo*, em bulgaro, significa leão e é ao mesmo tempo o nome d'uma moeda do valor de dous tostões.

Quando o czar Alexandre morreu ás mãos dos assassinos e o czarewitch subiu ao trono, o odio entre ambos os principes, ou antes de Alexandre III para com Alexandre da Bulgaria, rompeu com toda a sua força.

Quando se tratou do matrimonio entre o principe e a princeza Vitoria, filha do principe imperial, Bismark opoz-se com todo o seu poder, esperando previdentemente que esse odio havia de estalar um dia, o que veio a suceder. Nem os pedidos da rainha de Inglaterra e da imperatriz Augusta, nem as lagrimas da noiva moveram a compaixão do chanceler.

— Uma princeza alemã não póde reinar sobre um povo de opereta—respondeu.

Bismark viu claramente que o czar havia de aproveitar algum dia a ocasião de satisfazer a antipatia que sempre lhe inspirou o seu muito querido primo Alexandre de Hesse, filho de mademoisele Hancke.

O explorador Soleillet.—Faleceu ha dias em Aden o notavel explorador Paulo Soleillet, vitima da doença que o acometeu durante as suas explorações africanas.

Paulo Soleillet era um dos tres europeus que conseguiram penetrar no oasis de In-Calah. A sua viagem em 1873-74 no Sahara é classificada, por esse facto, entre as mais audazes explorações.

Antes d'ele, se o comandante inglez Laing, em 1826, e o alemão Rolhfs, tinham chegado ao oasis, ás portas do qual fôra assassinado, ha poucos mezes, o tenente Palat.

Paulo Soleillet concebeu depois a idéa de ir desde o Senegal até a Algeria, passando por Tombouctou, mas foi detido nos consfins do Senegal por ordem das auctoridades francezas.

Voltando á França, sempre infatigavel, dedicou-se a ir abrir o comercio em Choa. Partiu para Obock, onde implantou a bandeira franceza. Tomada a posse efétiva d'esse ponto, dirigiu-se á residencia do rei Menelik, ao qual demonstrou as vantagens de travar relações com as casas comerciaes francezas do Mar Vermelho.

Tendo alcançado pela sua energia e lealdade, a confiança do rei de Choa, Paulo Soleillet emprehendeu repetidas viagens ao interior do pequeno reino abyssinio, sobretudo para realisar operações comerciaes.

Soleillet era um verdadeiro soldado da civilisação. Alto, dotado d'uma grande força e d'uma paciencia extraordinaria, conseguiu sempre impor o respeito aos povos meio civilisados, entre os quaes passou quasi toda a sua vida.

Alemanha e França.—O correspondente de Paris para o *Times* escreve o seguinte:

«Não devemos esquecer que se a Alemanha deu tão aberta e tão cinicamente carta branca á Russia, foi porque esta ultima não só renunciou a toda e qualquer aliança futura com a França, mas porque sacrificou a França que alimenta inolvidaveis aspirações para o lado de léste, e que, portanto, se deu *carta branca* á Russia foi contra a *carta branca* que esta lhe deu.

Por outro lado o sr. Bismark não oculta que a França é o seu pesadelo, e foi esta a razão que o levou a sacrificar um principe alemão e a abrir á Russia o caminho de Constantinopla.

Não quero dizer com isto que o sr. Bismark pense na guerra.

Ha mezes, em abril ou março, a guerra parecia inevitavel na Alemanha. Era ela o assunto de todas as conversações; mas o sr. de Bismark fez todos os esforços possiveis para fazer abortar todos os projétos guerreiros. E está resolvido a assim fazer até ao fim da sua vida. Não deseja a guerra com a França porque tem um medo vago da força da republica franceza, e não tem a certeza de qual o resultado da luta.

O chanceler acredita na superioridade da artilheria franceza e nos melhoramentos introduzidos na cavalaria.

A unica cousa que ele ignora, porque tambem o ignoram os francezes, é o resultado da mobilisação. Mas as fronteiras estão em estado de resistir á mais formidavel e imprevista das agressões, de maneira a poder compreender as demoras da mobilisação.

Obtive estes promenores de fonte segura, e é por isso que eu repito que o principe de Bismark não fará a guerra á França; mas não lhe basta isso, e pretende colocar a França em condições de não lh'a poder fazer.»

Tanner.—O prolongado jejum do italiano Suci trouxe á memoria de todos o nome do dr. Tanner, que em 1880 esteve quarenta dias sem comer nem beber. O dr. Tanner está nos Estados Unidos, filiado na seita religiosa de Shalam, de que é um dos mais fervorosos apostolos, e cujos adétos, alimentando-se de legumes, passam a vida rogando a Deus que encaminhe a humanidade a deixar de sustentar-se de carne e peixe.

A um *reporter* francez que o visitou, disse Tanner que só com o regimen vegetal conseguirão os homens dulcificar os seus costumes, e emancipar-se das obsessões da carne.

— Eu, continuou, só consegui com o meu jejum provar a resistencia da minha natureza e ganhar uma forte aposta; não tive em vista fim algum scientifico. Desde então, nunca mais comi carne, e não posso explicar como os homens de sciencia acreditam ainda hoje que a carne fortifica. Moralmente, os sentimentos veem ao homem dos animaes de que os seus antepassados se alimentaram. O alimento mais doentio é a carne de porco. A ela devem os americanos attribuir a extraordinaria propagação do cancro, da escrofula, da tisica, do idiotismo etc., etc.

— Em que principio, perguntou o *reporter*, funda o dr. a sua teoria?

— No principio de que todos os seres da natureza veem a ser a obra dos elementos que os rodeiam. Uma geração alimentada de vitela chegará a ser temida. Se alimentarmos as creanças com leite de cabra, teremos...

— O que? faunos?

— Não, homens com tendencias selvaticas e agrestes, intrepidos trepadores de rochedos escarpados, valentes ladeadores dos mais fundos precipicios. Não acabaria, se quizesse demonstrar até ao fim a minha teoria!

Depois de ler tão extranhas revelações,—comenta um colega hespanhol,—é forçoso convir que o regimen vegetal e o jejum deixam a cabeça em muito mau estado.

O Taner italiano. — Dizem de Milão, em data de 10:

«O célebre Succi, que apostou jejuar durante trinta dias seguidos, não bebendo mais que um licôr de sua invenção e aguas quentes e mineraes, chegou ao termo do seu jejum no gozo da mais excelente saude.

Muitos medicos sustentam que o misterioso licôr, a que Succi dá tanta importancia, pretendendo que está chamado a produzir uma revolução no mundo, é uma mistificação. No emtanto Succi, conforme anunciou já, propõe-se renovar as experiencias do jejum em varias capitaes da Europa e da America.

Tal foi a vigilancia de que foi objéto durante os 30 dias do jejum, que é evidente Succi não ter tomado cousa alguma além das indicadas bebidas.»

O duque de Decazes.—O telegrafo anunciou-nos a morte do duque de Decazes, um dos homens politicos mais illustres da França.

A sua carreira foi das mais brilhantes que a historia moderna registra. A sua atividade abraçou tudo: a politica, a diplomacia, as altas empresas industriaes, sendo durante longo tempo a alma da sociedade aristocratica parisiense.

Foi ministro plenipotenciario em Hespanha e Portugal e embaixador em Londres. Deixando a diplomacia, fez parte de varios ministerios francezes como ministro dos negocios estrangeiros, conservando a sua pasta nos gabinetes de Cissey (22 de maio de 1874), Buffet (10 de março de 1875), Dufaure e Ricard (9 de março de 1876), Julio Simon (16 de dezembro de 1876) e Broglie Fourton (17 de maio de 1877).

O duque de Decazes, Luiz Carlos Elias Amanieu, era o filho mais velho do duque de Decazes, ministro da Restauração. Nascera a 9 de maio de 1819.

O novo bispo de Madrid. — Na quarta-teira da semana passada, de tarde, entrou solenemente n'aquela cidade o sr. D. Ciriaco Sancho, segundo bispo da diocese de Madrid, sucessor do sr. D. Narcizo Isquierdo, assassinado pelo padre Galeote.

O novo prelado é um dos membros relativamente moços do episcopado hespanhol, e goza com justiça de fama de homem réto, ilustrado e virtuoso. As feições da sua fisionomia são desconhecidas por quasi todos os seus novos diocesanos: o sr. Sancho nunca se retratou.

E' filho da provincia de Burgos, em uma de cujas povoações — Quintana del Pielio — nasceu em 1833. Fez os seus primeiros estudos no seminario de Osma, e terminou-os no de Salamanca, recebendo em 1860 o grau de licenceado em teologia. Um ano depois obteve por oposição o lugar de magistral de Osma.

Em 1862 foi nomeado secretario do arcebispado de Santiago de Cuba.

Por não ter acatado o sr. Llorente, que, com a nomeação do governo de D. Amadeu, entrou para a administração da arquidiocese, o sr. Sancho esteve nove mezes e meio preso no castelo de Morro.

Esta situação teve termo em 1875, ao realisar-se a restauração. Então o sr. Sancho foi nomeado bispo de Toledo; e algum tempo depois foi designado para a cadeira de Avila, que tem ocupado até á sua nomeação para a de Madrid.

Uma arquiduqueza protecionista. — Os fabricantes de seda da Austria-Hungria, vendo que a sua industria, nos ultimos tempos, caminhava de mal a peor, tiveram a feliz ideia de recorrer é arquiduqueza Stefania, esposa do principe imperial da Austria, para que os salvasse de uma ruina iminente.

Eis a resolução da princeza: Mandou guarnecer de seda todos os seus vestidos, obrigou as damas da côrte a seguirem o seu exemplo; e, depois d'estas, todas as damas da sociedade vieneza seguiram a moda da côrte.

Escusado é dizer-se que a industria da seda prosperou consideravelmente.

Mas a princeza foi mais longe ainda. Mandou fazer chapéus guarnecidos d'aquele precioso tecido, o que obrigou as elegantes de Viena a usar «Chapéus á Stefania».

Vulcões no mar.—Coincidindo com os terramotos que ultimamente assolaram tantas cidades gregas, ocorreram no fundo do mar fenomenos curiosissimos.

O capitão d'um vapor inglez, procedente de Candia, observou, ao amanhecer do dia 7 de agosto, á distancia de 100 milhas, proximamente, do cabo Matapan, uma enorme coluna de fogo que surgia do mar, acompanhado de grande ruido.

Esta coluna parecia medir 40 metros de altura por 10 de largo, e supõe-se ser proveniente de algum novo vulcão existente no fundo do mar.

N'esse dia sentiram-se fortes terramotos em Malta, Alexandria e Egypto.

Logo que o almirantado de Malta teve conhecimento do fenomeno ocorrido no mar, ordenou que saissem imediatamente dois navios, a fim de recolherem todas as informações sobre o caso.

Folhetim

HISTORIAS DA CAROCHINHA

—

AS FADAS

Era no tempo das fadas, no tempo em que o ar se povoava de alegres sylphos, a terra de poderosos genios, os lagos de formosas ondinas: um bom tempo esse, em que o vento fallava nos bosques, as fontes tinham segredos mysteriosos, as grútas encantos subtis; e cada folha de arvore que corria impellida pelo vento era uma vida que o vento agitava, e cada gotta de orvalho que se depunha no calice d'uma flôr, era uma perola que se engastava, e cada estrella que se desprendia no céo era uma alma que passava. Hoje as arvores são arvores, os lagos são lagos, as estrellas são estrellas; a mão poderosa da sciencia varreu todas essas puerilidades d'um jacto e deixou a terra arida, os ares despovoados, os lagos deshabilitados de todas essas poeticas ficções que encantavam a vida, enalteciam a imaginação d'uma suave poesia.

Era no tempo das fadas: no paiz em que ellas viviam. N'aquelle dia tinha havido uma altercação entre ellas: questão de mulheres, porque ainda hoje não está bem averiguado se as fadas antes de serem fadas foram mulheres, como ainda hoje ha mulheres que são fadas. Tinha havido pois uma questão entre ellas. Todas queriam arrogar a si, ao seu poder, o dom de dar a felicidade e nenhuma queria reconhecer esse privilegio ás outras, o que ameaçava azedar a questão.

—«Eu, só eu é que dou a felicidade completa»; dizia a fada que dispensava aos mortaes a riqueza, uma bonita fada de olhar altivo e orgulhoso, toda vestida de brocado d'ouro semeado de pontos brilhantes como estrellas, os chapins feitos d'um unico diamante, os cabellos como fios tenuissimos de ouro a que o sol tivesse emprestados os seus raios.—«Pelo meu poder, continuou ella agitando a sua vara magica iriada de todas as côres do rubi, da esmeralda, do topazio; pelo meu poder não ha prazer que se não compre, alma que se não venda, grandeza que se não alcance, poder a que se não chegue. Só eu sou grande e perante mim todos se curvam, todos me adoram, todos me desejam, todos trabalham para me conquistar».

Ainda bem a fada não tinha acabado estas palavras quando uns sons tremendos de trovão, como feito de todos os trovões, tronitou por todo o paiz das fadas; os mares abriram-se aos lados, as montanhas desabaram em planicies, os espaços fenderam-se em espaços e rodando sobre o globo da terra appareceu no meio das fadas aterrorisadas a fada que dispensava o talento aos mortaes, uma fada envelhecida pelo estudo, as faces cavadas, a pelle enrugada, toda ella curvada e andrajosa.

—«Só eu é que dou a felicidade»; gritou ella com a sua voz de trovão que echoou por todo o paiz. «Pelo meu poder, continuou agitando a sua vara magica de uma resistencia de aço, d'um brilho de luz; pelo meu poder transpõem-se os mares, cavam-se as montanhas, descobrem-se os mundos. Só eu sou grande e perante mim dissipam-se os odios, extinguem-se as differenças de raça, confraternisam-os povos, levanta-se a humanidade, derrama-se o bem!»

A outra fada, a da riqueza, córava de raiva, emquanto todas as outras, muito inferiores em poder, tremiam, coitadas, de mêdo, e como vêem, a questão não parecia levar lá muito bom caminho, quando a rainha das fadas appareceu.

—«Que cada uma de vós, disse dirigindo-se ás duas, tome conta do seu protegido e aquella que der mais felicidade ao seu, terá a primazia sobre a outra.

—«Posso tambem entrar na contenda?!» perguntou do lado a fada do amor, com a sua voz doce como uma harmonia, harmoniosa como um cantico de rouxinol, dirigindo-se á rainha das fadas.

As duas olharam-se admiradas.

Como?!... Pois aquella delambida, de olhar brando como uma caricia, profundo como um lago profundo, de labios rubros como uma romã, appetitosos como um desejo, de faces pallidas como o luar, macias como o velludo; de cabellos perfumados como a brisa, escuros como noite escura; aquella delambida só sorrisos e perfumes, sem vara magica, apenas um manto branco como a neve distendendo-se de mundo a mundo, o seu olhar, as suas flores, queria competir com ellas?! E sorrindo de desdem esperavam a resposta da rainha.

—«Pódes, disse esta. Ide, continuou a rainha das fadas, tomae conta cada uma d'um irmão, dou-vos cincoenta annos para conseguirdes o que desejaes.»

As duas primeiras, fendendo os ares, partiram logo para o seu destino; ficou só a fada do amor conversando com a sua irmã inseparavel—a fada do soffrimento.

Pela clareira do bosque em que estavam via-se ao longe o mar. Na praia, sentado n'uma das rochas escarpadas que a costeavam, estava Luiz, o mais novo dos irmãos, designado pela rainha, e de que a fada do amor tinha de tomar conta.

O olhar, o pensamento mergulhado no azul tranquillo das aguas, Luiz sentia n'aquella occasião em si a oppressão triste e dolorosa dos seus dezeseis annos, passados sem uma alegria, do seu futuro a que não sorria uma esperança, um aborrecimento da vida, um desgosto pelo trabalho, um viver por viver. N'isto passou-lhe por diante dos olhos, como uma visão, uma mulher de fórmas airosas e esbeltas, [illegible] envolvida n'uma gaze azul e branca, [illegible]ndo-lhe meigamente, cobrindo todo com um olhar demorado de uma ternura indefinivel, roçando levemente por elle o manto dos seus cabellos, e deixando apóz de si um perfume suavissimo, uma sensação tepida, de calor, que invadiu Luiz pouco e pouco, uma impressão de prazer, como se alguma cousa de bom, de grande, tivesse passado, alguem lhe tivesse derramado sobre todo o seu sêr um balsamo purificadissimo de ternuras, de encantos e poesia. E o coração arfava-lhe agora docemente e a esperança sorria-lhe, e a noite e as estrellas, e o mar e a terra, e os homens e as cousas e a vida e o futuro tinham-lhe agora encantos que não tinham, suavidades até alli desconhecidas, attractivos até alli ignorados... Era a fada do amor que passava.

*

Eram decorridos annos; os jornaes do mundo—porque n'esse tempo já havia no mundo jornaes, fallavam da fortuna dos dois irmãos: dos palacios de marmore e de porphyro de ouro e de lacca de Roberto, dos seus vastos dominios, dos seus esplendidos banquetes, das suas maravilhosas riquezas, dos seus minimos caprichos dos quaes o menor custava milhões de milhões; fallavam do talento superior de João, das suas grandes descobertas scientificas, das suas nunca imaginadas theorias philosophicas, dos seus nunca vistos triumphos litterarios; mas de Luiz nada diziam.

Um dia,—ainda não tinham passado os cincoenta annos concedidos pela rainha das fadas, a fada da riqueza voltou —triste desesperada, chorando de raiva e do despeito, toda ella n'uma convulsão orgulhosa de dôr. Roberto, o seu protegido suicidara-se. Depois d'uma vida agitada, de dias e dias d'um fausto insano, d'uma prodigalidade louca que o levava a lançar pelas janellas fóra dos seus palacios dourados quantias fabulosas á turba que o acclamava e adorava, tinham vindo dias tristes, d'uma tristeza amargurada, que todo o poder da fada não podia dissipar; o frio das riquezas, o frio d'aquelles salões solitarios, o frio d'aquelles sorrisos que se lhe vendiám, d'aquelles corações que não se davam, a unica cousa que a fada não lhe podia dar e n'aquella manhã fóra encontrado morto, d'uma morte horrivel, que lhe causou um veneno atroz que tinha tomado.

Outro dia foi a vez á fada do talento de voltas. Chorava a pobre umas lagrimas silenciosas que só a ingratidão faz correr. João o seu protegido repellira-a, renegára-a, não a queria ver; e perseguida por elle tinha-se visto forçada a refugiar-se n'aquelle recinto que não é dado a nenhum mortal, de transpor, a nenhum mortal de saber; e elle no desejo insaciavel de querer tudo saber, tudo profundar cahira na mentira, no erro e... enlouquecera.

Estas duas fadas estavam vencidas, faltava só a outra, a fada do amor; e lá no fundo da sua alma sorria-lhes a esperança de que ella não fosse mais feliz.

No dia preciso em que terminavam os cincoenta annos concedidos, ella appareceu. Vinha alegre, d'uma alegria boa.

— Então?! perguntaram todas as outras fadas.

— Vêde; respondeu esta.

Pela mesma clareira do bosque onde outr'ora se via o mar, via-se agora uma casinha branca, toda dourada pelo sol. No jardim, á frente da casa, brincavam umas creanças sob as flores que a fada lhe tinha alli plantado, sob os olhares da protecção e amor com que os paes os viam brincar. Ao ver este grupo era desnecessario perguntar se elles eram felizes, tanta ternura havia n'aquelles olhos, tantos sorrisos n'aquelles labios, tanto amor n'aquelles amores; ainda assim a orgulhosa fada da riqueza não póde conter-se que não perguntasse: «E são felizes?!

A fada do amor não respondeu; olhou para a sua irmã a fada do soffrimento que partiu logo para junto da casinha branca. Ao sentil-a approximar os paes estremeceram como se uma nuvem tivesse passado, uma sombra os tivesse tocado.

—«Se tu me faltasses?!... disse um,

—«Se tu morresses?!... suspirou outro; e contra esta dôr, este soffrimento, uniram-se mais, estreitaram-se mais e amaram-se mais.

*

Vencera a fada do amor, e no futuro quando as outras queriam tornar alguem feliz, pediam a esta que as ajudasse ao que ella de boamente se prestava.

JULIO COSTA.

Segundo mais tarde se soube, o enorme terramoto que houve n'esse dia teve o seu centro no mar, a 30 milhas da parte sudoéste de Zante, precisamente entre Catacolo e a ilha Strofadia.

Mediante uma experiencia praticada no cabo submarino que passava n'aquela paragem, e que se partiu em consequencia de se ter aberto no fundo do mar uma grande fenda, poude observar-se o centro do terramoto.

A rutura do cabo produziu um grande transtorno ao comercio, mas em troca foi conveniente para a sciencia, que poude assim demonstrar de um modo evidente que o extensissimo terramoto proveio do fundo do mar.

O queijo na Suissa.—Eis uma nota oficial da quantidade de queijos exportados da Suissa no ano passado e do respétivo valer em contos de réis:

	Quintaes	Contos
França	86:506	2:694
Alemanha.....	44:895	1:607
Italia.....	67:904	2:058,2
Austria.....	10:945	366
Estados-Unidos...	13:861	471,4
Belgica	4:263	141
Argelia	4:460	139,8
Hespanha.....	2:809	97
Inglaterra.....	2:050	68,4
America do Norte.	2:312	78,8
Outros paizes..,	5:117	176,8

A produção está assumindo proporções assombrosas n'aquele paiz, a ponto de haver receio de um excesso de produção. Tem-se chegado a oferecer, por parte dos produtores, 30 p. c. de abatimento e nem assim haver quem faça largas compras. O motivo d'esta grande produção é o grande desenvolvimento da cultura dos prados, empregando as melhores estrumações e bem assim a escolha de bons pastos para os gados.

Emfim, receia-se uma catastrofe incalculavel. Os contratadores de leite andam receiosos, porque as suas perdas são grandes e já tomam a resolução de fazerem abatimentos de 50 e mesmo 60 p. c. O queijo Gruyére baixou 25 p. c. e o de Spaten 14 francos por 50 kilos, em relação ao preço de 1884.

A exportação de leite condensado é tambem muito importante.

Ao passo que na Suissa ha o excesso da produção, em Portugal ha a deficiencia, em face dos excelentes elementos de que podemos dispôr para ela ser importantissima.

SEDIÇÃO EM HESPANHA

Relativamente aos fatos sucedidos domingo em Madrid, dois dos jornaes d'ali, *A Correspondencia de Hespanha* e o *Globo* dão uma grande copia de pormenores, dos quaes apontamos os seguintes:

O dia de hontem foi de uma tranquilidade em todo Madrid, como nos dias de maior socego. Ninguem suspeitaria que, antes da meia noite, a capital de Hespanha estaria transformada n'um acampamento para reprimir uma sedição.

A's 11 horas da noite, quando toda a gente estava no teatro, ou na rua, correu a noticia de se haverem sublevado dois esquadrões do regimento de cavalaria de Albuera, aquartelado na ala direita do edificio de S. Gil, na praça de San Marcial, e algumas praças do regimento de Garelano, aquarteladas no mesmo edificio.

O primeiro teatro em que se deu o alarme foi o circo de Price, onde uma mulher do povo, dirigindo se a um grupo de soldados que assistiam ao espetaculo, lhes disse que fossem para o quartel, porque havia revolução. A gente que estava nas bancadas invadiu logo a pista, e todos os espetadores começaram a evacuar o circo.

A's 11 e meia, a affluencia de curiosos nas ruas mais centraes era consideravel. Reinava a maior ordem, dominados os animos por curiosidade crescente, quando correu a noticia de que alguns esquadrões do regimento de Albuera tinham saído do quartel, em direção ao dos Doks, situado além da bazilica de Atocha, aos gritos de «Viva Salmeron! Viva a republica federal!»

Imediatamente se fecharam os cafés e as portas de todas as casas, e foi crescendo o numero dos curiosos, sem haver um grito, sem uma arma, e na mesma atitude de espetativa, e de curiosidade.

Apurados os boatos e com unica autoridade do muito que se repetiam as mesmas noticias, em responder pela exatidão do que vamos referir, consta o seguinte:

Parece que foi hontem colocado em inatividade um capitão do regimento de infanteria de Garelano, o qual se apresentou á noite aos oficiaes da guarda e de serviço, pedindo que o convidassem a tomar o café.

Pouco depois saiu, protestando necessidades fisicas e a pouco trecho ouviam os oficiaes de serviço grande bulha e gritaria nas cazernas; correram a informar-se do que seria, e encontraram parte dos soldados do regimento, em atitude sedisa, deitando abaixo um dos tabiques que comunicam com a outra ala do edificio, na qual está aquartelado o regimento de Albuera. Os oficiaes, á frente da guarda de policia, conseguiram quasi dominar o movimento sedicioso.

A luta devia ter sido breve, pelo que do pronto sairam dois esquadrões do regimento de Albuera e uns cem soldados garelhanos que se dirigiam pela rua dos Reis á de S. Bernardo, onde parece que feriram dois ou tres paisanos, continuando a marcha pelas ruas del Pez, Puebla, Valverde, Infantas, Clavel, Cabelero de Gracia, Cedaderos, carreira de S. Jeronimo e passeios do Prado, Jardim Botanico e Atocha, até á estação do sul, dando os vivas que acima referimos.

Apoderaram-se alguns da estação e dirigiram-se outros ao quartel dos Docks, onde foram recebidos com uma descarga. Egual acolhimento tiveram nas Feitorias militares, onde foram tambem recebidos a tiro.

Os que se haviam apoderado da estação foram repelidos por algumas forças que ali reuniu o general Pavia, que mandou guardar as agulhas por tropas leaes e ocupar o edificio da estação,

Ao sairem do quartel, os soldados de Albuera feriram um major e mais dois oficiaes do regimento.

Entre as vitimas já conhecidas, conta-se o brigadeiro de artilheria, sr. Velarde, ferido por uma bala de pistola na frente de um grupo de paizanos.

Conduzido ao hospital Provincial, faleceu ás duas e meia da madrugada nos braços de sua esposa.

O conde de Mirasol, coronel de artilheria, que se dirigia para o quartel dos Docks, foi morto por uma descarga dos revoltosos.

Diz-se que ao cair da tarde, a patrulha de cavalaria de serviço, nas imediações da egreja da Atocha, observára, com estranheza, o extraordinario numero de carruagens que se juntavam sem motivo aparente n'aquele sitio, e das quaes se apeavam muitos paizanos; alguns dos quaes traziam trouxas de uniformes militares.

Os guardas quizeram averiguar de que se tratava, e apoderar-se dos uniformes; mas, acometidos pelos paizanos, tiveram de retirar, participando o caso ao governador civil.

Dizem-nos que á frente do movimento revolucionario figurava o brigadeiro Vilacampa, acompanhado de alguns oficiaes, entre os quaes alguns da guarda civil, corporação em que o referido brigadeiro servia. Vilacampa á frente de um numeroso grupo de paisanos, esperava a chegada dos revoltosos nas imediações dos Docks.

A' frente dos insurgentes atravessou as ruas de Madrid um tenente de infanteria, graduado em capitão, que, a cavalo e de revolver em punho, dava gritos de revolta.

Comandando as primeiras forças que chegaram á Atocha, em perseguição dos rebeldes, vinha o general Pavia, capitão-general do distrito, que telegrafára que as forças estacionadas nas proximidades da capital, marchassem sobre Madrid.

Tendo-se julgado, na confusão dos primeiros momentos, que as forças revoltadas se dirigiam para El Pardo, foram enviadas algumas tropas em sua perseguição, determinando-se, ao mesmo tempo, que o destacamento ali estacionado, lhes viesse ao encontro. Desvanecido o erro, as tropas mudaram de rumo.

Logo que constou a noticia da sublevação, apresentaram-se ao ministro da guerra muitos oficiaes-generaes que estão em Madrid, sendo dos primeiros os generaes Martinez Campos e Salamanca.

Ao mesmo tempo, o ministro da *gobernacion* conferenciava com o general Jovelar no ministerio da guerra, dando as primeiras ordens, e telegrafando ás autoridades das provincias, a pedir noticias do estado da ordem publica.

A' meia noite e meia hora dirigiu-se do palacio da Buena-Vista ao do ministerio da *gobernacion* o sr. dr. D. Venancio Gonzalez, pondo-se logo em comunicação com o presidente do conselho, sr. Sagasta, que está com a côrte em Santo Ildefonso. Participou o ocorrido aos ministros ausentes de Madrid. Continuou a conferenciar com os governadores civis e, depois de uma breve entrevista com os seus colegas do gabinete, resolveu decretar o estabelecimento da lei marcial, declarando em estado de sitio a praça de Madrid.

Entretanto, os regimentos da guarnição da capital formavam, por brigadas, e ocupavam os pontos que lhes tinham sido indicados pelo capitão general: avenidas da estação do Meio-dia, Porta do Sol e outros locaes.

O espirito das tropas era excelente, e notavel a pontualidade e prontidão com que se apresentaram nos seus postos.

A's 5 horas e meia da manhã havia as seguintes noticias mais autorisadas: Estava completa e totalmente dominada a sedição, os sublevados em fuga e dispersos.

O total das forças sublevadas é de 140 soldados de infanteria de Garelano e dois esquadrões (1.° e 2.°) de Albuera. Reunidas as forças leaes dos dois regimentos, só se notou a falta de um sargento.

O oficial que tomou o comando dos revoltosos tem o apelido de Serrano.

Nenhum oficial de cavalaria aderiu ao movimento.

O coronel Melguizo, comandante do regimento de Albuera, saiu com os esquadrões leaes em perseguição dos sediciosos, imitando o procedimento do coronel Numancia, em 1883, por ocasião da revolta de S. Domingos de la Cazlada.

Os primeiros gritos subversivos foram dados, segundo consta, pelos soldados de Garelano, que fizeram fogo sobre o oficial da guarda, prenderam um major do regimento e feriram mais dois ou tres oficiaes, entre eles o sr. Peralta.

Um dos sargentos que disparou sobre os oficiaes está preso. Tambem estão presos varios soldados rebeldes e alguns paisanos.

No bolso de um dos sargentos presos encontraram-se 20 duros; egual quantia tinham comsigo dois soldados de Albuera, tambem aprisionados.

O capitão Serrano, antes de sair do quartel com a soldadesca, arengou-lhes, afirmando que toda a Hespanha se insurrecionára, e que a artilheria aquartelada nos Docks só esperava o primeiro signal para se pronunciar em favor da revolta.

Isto explica o motivo porque os sublevados tomaram a direção d'aquele quartel.

O ministro da *gobernacion* não se tem afastado do telegrafo.

Ao amanhecer, diferentes colunas sairam de Madrid em perseguição dos fugitivos, a maior parte dos quaes segue pela via ferrea do Meio-dia.

Os sediciosos que atacaram as «Faturias Militares» foram batidos pelas tropas da administração militar.

O presidente do conselho de ministros e os ministros ausentes, devem já ter chegado a Madrid.

A guarda civil ocupa o ministerio da *gobernacion*. As tropas do exercito estão postadas ao sudoéste da cidade.

O conde de Mirasol foi morto por um grupo de paisanos que o reconheceu, quando se dirigia para o quartel de artilheria dos Docks. Obrigaram-n'o a apear-se da carruagem e dispararam-lhe um tiro de rewolver á queima-roupa.

Quando os revoltosos se apoderaram da estação do Meio-dia, muitos paisanos, armados de carabinas, fizeram causa comum com eles.

Está confirmado que o general Vilacampa era o chefe da insurreição, segundo as ultimas noticias.

O brigadeiro Vilacampa, acompanhado por alguns paisanos, saiu n'um comboio para Alcalá, onde, naturalmente, julgava encontrar-se com as forças comprometidas.

Ao chegar ás agulhas da estação de Alcalá, encontrou-se com o chefe das forças ali estacionadas para o bater, que o esperavam, e retrocedeu para Madrid.

Como, porém, já d'aqui tivesse partido para Alcalá outro comboio com tropa, sob o comando de um chefe de estado-maior, é de crêr que seja aprisionado no caminho, se não se tiver evadido para os campos.

Está tudo prevenido para aprisionar alguns sublevados paisanos, que partiram pelo caminho de ferro, a fim de revolucionarem os destacamentos dos arredores de Madrid.

O governo, prevenido para qualquer eventualidade, tinha a postos e prontas para marchar a qualquer ponto, onde a ordem fosse alterada, forças sob as ordens do general Martinez Campos.

As linhas telegraficas funcionavam, de madrugada, com toda a regularidade. Os telegramas das provincias asseguram que reina tranquilidade em toda a peninsula.

Tudo faz crêr que, dissolvidas as forças revoltadas na capital, não ha que temer alteração na ordem nas provincias.

Na rua Cabalero Garcia um oficial de cavalaria, ao ver passar alguns sublevados, desembainhou a espada e quiz prendel-os.

Os soldados continuaram o seu caminho, sem fazer caso d'ele, mas tambem sem lhe fazer mal.

Um grupo de paisanos, comandados por um sargento, foi provocar a guarda do ministerio da guerra, mas a resposta parece que não foi satisfatoria, porque o grupo desappareceu imediatamente, correndo a bom correr.

Na ocasião em que o *brigadier* Velarde passava pela porta da Atocha, um grupo de sublevados, não podendo obrigal-o a dar vivas á republica, fez fogo sobre ele, ferindo-o mortalmente na cabeça.

Afiança-se que o tal grupo era composto de gente avinhada.

No quartel de S. Gil deu-se um tiroteio entre os sublevados que queriam impedir o saimento da tropa, sendo obrigados aqueles a retirar-se.

Dizia-se que as forças dos sublevados esperavam grandes reforços, que faltaram.

A' chegada das forças do governo, sob o comando do capitão-general, á estação de Atocha, destacou-se formando a vanguarda o comandante Bertran de Lis, com um destacamento, e dirigiu a palavra aos sublevados, que lhe responderam com duas ou tres descargas, das quaes resultou ficar ferido aquele oficial.

Afiançava-se que a iniciativa da insurreição era devida a um capitão de infanteria chamado Castilo ou Castila, assegurando-se tambem que estavam com ele um comandante e dois ou tres oficiaes do regimento d'Albuera.

Observaram alguns que os cavalos dos revoltosos iam pela maior parte por ensilhar.

Pelas 3 horas da manhã o governo fez publicar um bando proclamando o estado de sitio.

Muitos explicavam que estes movimentos eram duvidos á subida desusada dos fundos nos ultimos dias.

O *Globo* verberando estes manejos financeiros escreve o seguinte:

«Cambios á americana não os queremos para o nosso paiz; porque sempre temeremos, mais do que o fato, os seus resultados; não o precedente isolado, mas as suas consequencias.»

Correio do Sul

Coimbra, 21 de setembro de 1886

(D'outro correspondente)

O imenso regosijo com que os cidadãos conimbricenses receberam na quinta-feira, 7 do corrente, o nobre ministro da guerra, bem mostra os desejos que todos téem da conservação de um gabinete que começa a gerir os negocios do seu paiz com a **abolição de um imposto**!

A recéção foi imponente. Na gare da estação estavam formadas todas as praças do regimento de infanteria 23, que se acham em Coimbra. Logo que se avistou o comboio, ecoaram nos ares, á voz do «Apresentar armas», os metalicos sons dos instrumentos da banda regimental, tocando magistralmente o ino real.

S. ex.ª o nobre ministro, depois de se apear do trem, foi cumprimentado pelos principaes membros do centro progressista d'esta cidade, soltando-se entusiasticos vivas ao nobre ministro, ao partido progressista e á ditadura. Por entre a inumera multidão que se achava apinhada na gare, podémos distinguir, afóra os que não nos recorda, os seguintes cavalheiros: drs. Pedro, Luiz da Costa e filho, Costa Alemão, barão de Fornelos, governador civil, secretario geral, administrador do concelho e substituto, secretario da administração, Martins da Cunha e padre Gaspar Alves de Frias.

S. ex.ª, depois de cumprimentado por grande quantidade de cavalheiros e pelo estado-maior do regimento, dirigiu-se para o carro que lhe estava preparado, aonde seguiu com outros cavalheiros para Coimbra. A' frente do cortejo caminhava o regimento, seguia grande quantidade de carros, tudo no couce uma força de cavalaria. Muita gente seguiu a pé por não encontrar carros nem americanos. Chegado ao quartel do regimento, s. ex.ª apeou-se e foi visital-o, depois do que seguiu para o hotel dos caminhos de ferro, aonde já o aguardava uma força de infanteria. A rua da Sofia e praça 8 de Maio achavam-se repletas de gente.

— Terminaram ha tempos os exames do magisterio primario, para cujo jury foi nomeado o sr. Graça Afreixo.

Custa a crêr que o sr. Simões Lopes, inspétor d'esta circumscrição, haja feito esta nomeação, quando s. ex.ª sabe por muitos motivos que o sr. Afreixo não podia nem devia ser nomeado.

O § 1.° do artigo 256 do regulamento de 28 de julho de 1881, diz o seguinte:—Nas circumscrições onde não houver escolas normaes, ou havendo-as, não tenham numero suficiente de professores para d'entre eles se nomearem quatro vogaes efétivos e dois suplentes para constituirem o juri, o inspétor completal-o-ha com sub-inspétores da sua circumscrição. Diz mais, que a falta ou impedimento d'estes, suprir-se-ha com professores de ensino complementar; e na falta d'eles, mas só para os exames de ensino complementar, poderá requisitar dois professores do liceu. No § 2.° do mesmo artigo diz: —que quando não seja possivel nomear professores da escola normal, sub-inspétores ou professores de ensino complementar, o inspétor escolherá, sómente para os exames do magisterio elementar, professores de ensino elementar.

Ora muito bem.

N'esta cidade ainda não foi creada a escola normal, logo tinha de ser o jury formado com sub-inspétores da circumscrição. Arganil, Caldas e Leiria podiam por conseguinte fornecer tres vogaes do jury. No impedimento d'estes, e para completar os restantes vogaes, tinha s. ex.ª em seguida os professores de ensino complementar, e ainda na impossibilidade da nomeação d'estes, tinha professores do liceu para os exames complementares, e professores elementares para os de ensino elementar, em cujo numero s. ex.ª encontra alguns bachareis formados e outros muitos muitissimo habilitados.

Mas o sr. inspétor, não obstante preterir tantos e tantos, achou graça ao sr. Graça, e burlando a boa fé da camara de Condeixa, propõe-se o sr. Graça, que no ano proximo deve frequentar o quinto ano de direito, á cadeira da Ega, é nomeado, segundo consta, com a condição de desistir terminados os exames, e o sr. inspétor, que almejava esta nomeação, inscreve imediatamente na lista dos vogaes do juri dos exames do magisterio elementar e complementar, um suposto professor oficial de ensino elementar!!

Além d'isso, note-se que o sr. Afreixo tinha em sua casa de cama e meza candidatos ao magisterio e aula para os ditos, onde a sua espo a era uma das prelecionistas, e até por ahi dizem que o mesmo sr., para os *animar*, de vez em quando tambem lhes dava as suas preleções; por cuja causa constou na Lusa Athenas, que todos os candidatos que não frequentassem a sua aula, seriam infalivelmente *decepados*. Que tal! sempre era pecadinho que não tinha remissão.

Ahi vae agora a *moralidade* d'esta historieta.

O sr. Simões Lopes tem a sua residencia no Porto, aonde mercadeja em livros e mapas d'ensino, em que faz bem bom negocio, inculcando-os aos professores da sua circumscrição, que, coitados, para estarem nas boas graças do sr. inspétor e companhia, cáem na rede como tordos. De tempos a tempos vem a Coimbra mostrar-se, e volta logo para o Porto aonde o prendem negocios de mais interesse para s. ex.ª que os da inspéção a seu cargo.

O sr. Afreixo por conseguinte é que é o inspétor, pelo que podemos transformar a firma antecente em Afreixo e Companhia.

Ora ahi está o busilis! O sr. Afreixo faz as vezes do sr. inspétor, e por isso *bem* é que s. ex.ª recompense o seu trabalho nomeando-o sempre que possa para os exames, mesmo que para isso tenha de fazer vista grossa á lei, que a final de contas, no entender de s. ex.ª, não é mais que uma leria qualquer que para ahi anda impressa em meia duzia de folhas de almasso.

Fazemos votos porque taes proezas cheguem ao conhecimento do sr. Diretor geral d'instrução publica, e que s. ex.ª se digne galardoar esta farça como o sr. inspétor ha mistér.

Esta já vae extensa e então até outra vez.

E.

Arabescos e Miniaturas

FLOR DO MAR

N'uma manhã de tempestade, por entre as algas e os sargaços, no momento em que o mar calava as suas formidaveis vozes longinquas diante das penedias do Ferse, quando o vento da Islandia aplicava nos estreitos das ilhas os seus soluços de tormenta, um caçador de aves aquaticas encontrou entre os destroços do vendaval um cestinho de vime que continha uma creança.

A criança era uma menina. O caçador levou-a consigo, e a cabana onde habitava a criança tornou-se tão rosada como a côr de uma concha do mar; a sua pupila guardou a côr das ondas, os seus cabelos adquiriram o comprimento das vegetações marinhas, e a sua rosada carnação de origem expandiu-se na atmosfera selvagens dos turbilhões, com o ar implacavel d'uma formosa mulher fatal que se desenvolveu inconsciente e que cresceu não amando senão o sol.

Chamavam-lhe Flor do mar.

Era a estatua viva que não vivia senão para se tornar cada vez mais bela. Ela não dava pelos seus [illegible] anos, nem mesmo quando [illegible] andava, e Roderico era o m[illegible] dos caçadores das ilhas.

Gostava de ir [illegible]s, aspirando a brisa, com os c[illegible] diantes, a cintura flexivel tor[illegible]ra da Sand[illegible]r o corpo, mais salien[illegible]ngo, na C[illegible]armorea dos seios. [illegible]traordin[illegible]

Não tinha o [illegible] alg[illegible] das virgens que não amam, e t[illegible] as suas narinas palpitavam como deso[illegible] da natureza que arredondava as suas fórmas e que trasbordava dos seus flancos opulentos.

Ela parecia dar permissão ao ar livre e vivaz de tocar levemente; e, ás vezes, abrigando-se debaixo dos rochedos que a tempestade esculpira, deitava-se sob as penedias rendilhadas, retemperando-se á luz azulada, feliz e adormecida como uma duqueza reclinado na meia luz d'uma lampada de oiro.

Mas, a maior parte das vezes, os nevoeiros envolviam a praia e Flor do mar errava ao longo das aguas, com os olhos fixos no horisonte, com uma tenacidade de alma prisioneira nascida algures de um suspiro de amor.

Roderico encontrava-a.

Ela produzia-lhe o efeito de uma planta que vegeta vigorosamente por um milagre n'um paiz onde as suas irmãs morreriam.

Flor do mar viera necessariamente de longe; olhava sempre para além, para o outro extremo invisivel, desejosa de transpôr o Oceano.

Não havia no Stromoe um rapaz mais agil e mais desempenado do que esse Roderico. Era um pastor endurecido, que não tinha rival em arrancar a lã dos rebanhos vivos, um cavaleiro que montava cavalos á solta, um intrepido dominador de corvos maritimos, de espaduas largas e pulso solido, de modos triumfantes em dias de festa, quando ele vestia a sua jaqueta verde, o seu colete de lã de botões luzidios e os seus calções de pele de carneiro. E Flor do mar o amava, quando todas as raparigas da costa voltavam a cabeça para fingirem que o não viam, quando ele passava.

Ele era timido na presença d'ela, que o encarava de frente, mas não para o amar.

Amal-o! Sabia ela o que era amar?

Ah! se ele quizesse casar, ela quereria tambem.

Os espiritos que protegem a cabana não se irritariam, e ela seria sua mulher á luz das estrelas, pois que os genios das montanhas, que vivem da vida dos homens, não reprovam que uma rapariga deite o seu corpo ao lado do de um rapaz.

Roderico disse ao pae adotivo:

—Dá-me aquela que salvou das ondas?

O pae adotivo voltou-se para Flor do mar e perguntou-lhe:

—Deixas que eu te dê áquele que te ama?

Ela disse que sim.

O pae então disse que sim á sua vez.

Roderico passou a mão em torno da cintura de Flor do mar o levou-a para as penedias. Os rolos de agua fustigavam o granito que gotejava. Não podiam caminhar á borda do mar; subiram para os rochedos mais abrutos.

Por presente de noivado, disse Roderico, quero offarecer-te os ovos das aves que apanhar.

Flor do mar sorriu.

— Se queres eu quero tambem.

O vento da Islandia soprava de tempestade. Roderico explorou a penedia e descobriu as cavidades. Depois, entalou uma corda debaixo de um rochedo, deixou-a a pender e desceu.

Em terno do homem suspenso sobre o abismo, um enxame de aves principiou a voar, gritando, piando, grasnando, espantadas, ameaçadoras, terriveis; o ganço, o cisne, o goelano azul.

Em cima, contente, Flor do mar espreitava, com os cabelos borrifados pela violencia da tempestade. A corda balançava-se, roçando contra uma saliencia da rocha que a moía e serrava.

— Sóbe, Roderico, sóbe depressa!

Ele levantou a cabeça. A corda partiu-se.

Flor do mar recuou, para não ver mais nada, e julgando-o morto, fugiu assustada, sem uma lagrima de saudade.

II

Roderico tinha quebrado a perna direita. Foram encontral-o duas oras depois sem sentidos sobre as pedras. Quando abriu os olhos sentiu um aperto de coração. Flor do mar, que o tinha visto cair, não estava ali. Ela nunca, pois, o amaria!

Levaram-n'o para a sua cabana, onde do seu leito ele podia ver pela janela a arrebatação das ondas sobre os escolhos do largo. Esteve mais de um mez imovel no mesmo sitio, sem que a sua noiva o fosse ver.

N'uma manhã arrastou-se até á janela para poder ver a praia, mas de repente empalideceu e poliou para a sua cabana de lona, chorando como uma creança. Flor do mar passeiava pelo braço de outro, pelo braço de um desconhecido que pelo vestuario não era das ilhas.

Um minuto bastára para que Roderico compreendesse que aquele era o homem preferido por ela; porque ela nunca tinha tido junto d'ele aquele abandono, aquela inflexão de cabeça, aquele requebro de cintura, que a tornavam junto do outro mais apetecida e mais encantadora.

O estrangeiro era filho de um negociante, admitido a fazer comercio de cabotagem entre as ilhas. Para se distrair tinha ido a Stromoe, onde pensava em Paris e no bairro latino, quando lhe apareceu a noivo de Roderico, cuja beleza o prendeu á praia.

Ele era sedutor como um *dandy* que tivesse espirito. Pela sua delicadeza de maneiras, e pelo seu cuidado no vestuario, punha n'aquela natureza selvagem uma nota civilisada. Pisava a areia com precaução, evitando as conchas como a lama dos *boulevards*.

Quando o viu, Flor do mar sentiu o abalo de uma revelação. Este ser novo para ela atraiu-a, como se ela fosse da sua raça, do seu paiz e do seu mundo. Quando ele falou, o som das suas palavras perturbou-a mais do que a aragem das noites tépidas da primavera. Ele levava-lhe inconscientemente a embriaguez do continente, onde ela tinha talvez nascido. Flor do mar amou-o.

E quando ele lhe deu, para os domingos, joias de ouro e de prata, um vestido de damasco e punhos de renda, ela achou-se assim tão bonita, que lhe ficou muito grata, e adorou-o.

Foi um idilio apaixonado, que o moço estrangeiro teria bem querido transformar n'uma grosseira aventura.

Mas Flor do mar tinha sido atirada muito nova para aquelas costas, onde a simplicidade dos costumes torna livres as raparigas e descuidadas da devassidão dos homens.

Sem affetações, repelindo-o apenas com a inocencia dos seus grandes olhos claros, ela acabou por impacientar os ardores irritados do seu namorado.

Ela procurava-o, louca de ternura; evitava-o, desdenhando das suas caricias brutaes.

—D'onde és tu? perguntou-lhe ela um dia.

—De França.

—Queres levar-me comtigo?

—Para que?

—Para que eu nunca mais te deixe, visto que me amas.

Ele não soube que responder.

—Pois sim, quero, disse por fim para a enganar.

E a partida foi combinada para d'ahi a tres dias, devendo ambos encontrar-se no caes.

Flor do mar deixou a sua cabana, com o coração palpitante, vestida de pescadora; ia ver emfim aquela terra da outra margem, aquela terra d'além, onde o horisonte se afogueava todas as tardes n'umas tintas côr de rosa.

Quando chegou ao caes, uma grande véla desfraldada fugia de terra, levando com ela o seu bem amado.

Então, Flor do mar voltou para traz, caminhando vagarosamente ao longo das penedias, sem voltar a cabeça para o lado do navio.

III

Flor do mar endoideceu! ninguem a vê ha mais de oito dias. Anda errante pelas montanhas; fugiu n'uma tarde em que a neve caia. Estendendo os braços, aparava com as mãos abertas os flocos brancos, e, quando a sua cabeça estava coberta de neve, sacudia-a cantando, valsando e enviando beijos á lua, que se erguia por detraz de Skolinsfield.

Além, além? perguntou Roderico apontando com o dedo para o monte, que se perfilava livido sob o céu pardacento.

E partiu.

Explorou todas as cavernas, sondou as torrentes, enviando a todos os ecos a sua voz isolada, vibrante d'amor.

Exausto de forças, com as pernas a dobrarem-se-lhe, não descansou um momento. Um dia descobriu no cume de um rochedo uma fórma humana, palida, esfarrapada, imovel, olhando para as nuvens que passavam.

Roderico poz-se a entoar um canto nacional, que fez baixar a cabeça doida. Ela reconheceu-o, saudou e fugiu. Mas Roderico sentiu renascerem-lhe as forças. Correu em perseguição da sua noiva, e á noite voltava, trazendo-a pela mão para a cabana que ela tinha abandonado.

Roderico fez-se o enfermeiro d'aquele corpo, cuja alma que pensa tinha fugido e que conservava na loucura a plenitude das suas fórmas e o seu ar de saude.

Acompanhava Flor do mar aos sitios que ela parecia amar, evitando aqueles que podiam evocar-lhe recordações dolorosas, rodeava-a de cuidados maternaes, ficava com ela durante muitas horas sob o pleno sol, seguindo com anciedade a mobilidade iriada das ondas na fixidez do seu olhar.

Deitava-se a seus pés, e ás vezes beijava-lhe as mãos que ela lhe abandonava inertes e frias.

Mas, pouco a pouco, ao calor d'aquela dedicação cariciosa, Flor do mar parecia renascer para a vida moral. O instinto de amar acordava. Estremecia de alegria quando ele a beijava e apanhava flores. Já não cantava, chorava.

Aquelas lagrimas que torturavam Roderico não eram o orvalho de uma saudade, mas sim o terno reconhecimento do presente. Ele não percebia, na sua abnegação de adorador, que estava sendo o creador de uma nova alma aberta á paciente efusão da sua, e que na cabeça doida da sua amiga penetrava por fim a exuberancia dos seus pensamentos de amor.

A uma por uma ela tinha ido deixando ou perdendo as garridices que o estrangeiro lhe déra, e a sua frescura nativa de ideias primitivas ia-se desenvolvendo como um perfume de pureza, quando dizia qualquer coisa a Roderico.

Quando lhe diria ela então que era amado?

Foi n'uma manhã em que a neve rebrilhava nas penedias que ele se atreveu a recordar a promessa de outr'ora. Flor do mar fez-se vermelha e pareceu comover-se. O coração renascia.

Estavam defronte de uma grande extensão do Oceano, azul, infinito, sem nevoa longinqua, com palhetas de ouro nas ondulações, d'onde subiam murmurios, as aves vinham roçar as suas azas nas rosas luzentes da penedia. Era d'ali que Roderico tinha caido.

Ele debruçou-se no abismo e viu as grandes aves que entravam para os seus ninhos.

Ah! disse ele simplesmente, agora já estou curado. Vou descer, é o meu officio.

E, desenrolando uma grossa corda que trazia á cintura, principiou a atal-a a um rochedo.

Mas Flor do mar empalideceu. Ficou por um momento hesitante, como procurando encontrar uma reminiscencia ainda vaga; depois, de repente, correndo para Roderico, que tremia de comoção, lançou os braços em torno do pescoço, cobriu-lhe a cabeça de beijos, e exclamou:

—Não, não quero, não quero, poderias morrer.

FERNAND LAPARGUE.

Bibliografia

—«*Açafate de costura*. Publicou-se o n.° 17, da 2.ª serie, que contém o seguinte sumario:

Seção de bordados—Continuação de varios alfabetos começados e continuados nos numeros anteriores e dois monogrammas sendo um d'eles—4—de muito bom efeito quando bem executados.

Seção de letras—1—2—Dois lindos entremeios para bordar a soutache (dois fios ininterrompidos). 3—Flor bordada para aplicações. 4—Lindissimo bordado com angulo para bordar a branco. 5—Bonito recorte para borda no mesmo genero. 6—Elegante bordado a lãs para trabalho de tapessaria, pode servir para bordar no genero de Rechelieu e para obras de marcearia, etc. 7 e 8—Dois nomes ornamentaes para bordar a branco em cantos de lenços, etc.

Parte Oficial

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 20

Anuncio de estar aberto concurso pelo praso de 30 dias, para o provimento das paroquias de Alte, no concelho de Loulé; Arco, no concelho de Ponte do Lima; Ardegão, idem; Bougado, no concelho de Santo Thirso; Cabanelas, no de Vila Verde; Ceser, no de Oliveira d'Azemeis; Codeços, no de Paços de Ferreira; Favões, no do Marco de Canavezes; Ouguela, no de Campo Maior; Raimunda, no de Paços de Ferreira; Rio Tinto, no de Gondomar; e Romarigaes, no de Paredes de Coura.

Varios despachos já conheeidos pelo ministerio da justiça.

Decreto aprovando a nova publicação oficial do codigo penal.

Varios despachos do mez de agosto ultimo pelo ministerio da fazenda.

Diario de 21

Concessão de diferentes mercês honorificas pelo ministerio do reino.

Boletim de sanidade maritima declarando inficionados de colera-morbus, desde o dia 13 do corrente, os portos de Italia no Mediterraneo, excéto os do litoral desde Genova até Gaeta inclusivè, os da Sicilia e os da Sardenha.

Varios despachos já conhecidos pelo ministerio da justiça.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diferentes distritos.

Diario de 22

Consulta sobre os projétos apresentados no concurso do dia 1.° de fevereiro de 1886, para os melhoramento do porto de Lisboa.

Telegrafia

Paris, 20.—Segundo as explicações dadas pelo ministro da fazenda na commissão do orçamento, o de 1886 a 87 será definitivamente de 74 milhões de francos. O ministro declarou que o unico imposto novo possivel a decretar se em 1887 é o imposto sobre o alcool.

Bahia, 19.—Segue d'este porto com destino a Lisboa o vapor *Baltimore*.

S. Vicente, 21.—Segue oje d'este porto, com destino ao de Lisboa, o paquete *Mondego*, da Companhia da Mala Real Ingleza.

Londres, 21.—Sua magestade el-rei de Portugal almoçou hoje com o lord-maior, em Mansion-House. Respondendo ao lord-maior, que fez um brinde ao rei e á sua nação, el-rei disse que o sentimento de bem querença nos corações inglezes era agora tão ardente como no principio d'este seculo, quando o sangue do portuguez e do inglez se derramava ao mesmo tempo nos campos de batalha, e que esta amisade desde essa epoca tem ganho sempre nova força. O rei de Portugal bebeu depois á saude da rainha Victoria e do lord-maior.

Sofia, 20. — E' provavel que se tenha de alterar a data fixada para as eleições da grande assembleia bulgara, que ha-de eleger o principe.

Madrid, 21.—Diz o jornal a *Correspondencia de España* que um despacho oficial anuncia que em Colmenar de Oreja (cidade situada a 25 kilometros de Malaga) estão 200 insurrétos, comandados por um general de brigada.

Um outro despacho oficial anuncia que em Morata Tajuna foram aprisionados 26 revoltosos, e que outros vão fugindo em diréção a Vilarejo.

O jornal *Imparcial* não crê que haja 200 insurrétos em Colmenar de Oreja, mas apenas 85.

O circulo liberal resolveu fazer uma afetuosa manifestação á rainha regente, D. Cristina, por ocasião da sua chegada á estação do caminho de ferro do norte.

Em Vilaverde apresentaram-se incondicionalmente ás autoridades 10 revoltosos.

Os alcaides de Chinchon, Ocaña, Ciempozuelos e Titulcia, participam ao governo que se entregaram ali á discrição diversos grupos de 17, 15, 12 e 10 revoltosos do regimento de Albuera, declarando que tinham estado respétivamente ás ordens do general Vilacampa, de um capitão da guarda civil, de um oficial da administração militar e de um paisano.

Os que se apresentaram ao alcaide de Ocaña declararam que tinham morto um major e um sargento que os comandava.

Madrid, 21.—Chega esta noite a Madrid a rainha regente, para presidir ao conselho de ministros.

O rei e as infantas continuam na Granja.

Londres, 22.—O rei de Portugal parte esta manhã para Plymouth, aonde embarcará com destino a Lisboa. Foi acompanhado por uma escolta de cavalaria desde o palacio Buckingham até á estação do caminho de ferro, onde o esperava, como guarda de honra, um destacamento de guardas escocezes. A multidão de povo, que era muito grande, cumprimentou respeitosamente sua magestade el-rei á chegada á estação e á partida do comboio.

Madrid, 21.—O marechal Martinez Campos teve uma longa conferencia com a rainha regente, logo que esta chegou a Madrid.

O conselho de ministros está convocado para esta noite.

Chegaram já a Madrid todos os ministros.

Efétuou-se hoje o enterro do general

Velarde e o do coronel de artilheria, conde de Mirasol. Grande concorrencia, principalmente de militares, não obstante haver mau tempo.

Madrid, 21.—Annuncia um despacho oficial que os insurrétos foram batidos em Morata de Tajuna, ficando prisioneiros 38.

As noticias da ultima hora dizem que em Ocaña foram submeter-se á autoridade 60 revoltosos, e acrescentam que o general de brigada Vilacampa, que os commandava, está ferido, e se esconde nas pedreiras de Colmenar Viejo. *El Correo*, folha ministerial, diz que só restam em campo dez soldados de cavalaria, rebeldes, que se internam nas florestas de Tolêdo.

Londres, 22.—A camara dos communs rejeitou por 297 votos contra 202 o projéto de lei do sr. Parnel.

Depois d'esta votação, o sr. Dilon, deputado irlandez, declarou que irá á Irlanda prégar aos foreiros e rendeiros a resistencias ás evições.

O sr. Micael Hicks Beach, secretario da Irlanda, deu a entender que o parlamento será em breve convocado para votar uma lei coercitiva especial.

Sofia, 21.—O consul russo consentiu em aceitar a resposta bulgara, se n'ela forem modificados dois trechos, que lhe dizem respeito pessoalmente.

Madrid, 22.—O jornal *Liberal* diz constar-lhe que o individuo, que matou o general Velarde, não foi um estudante de medicina, mas sim um empregado do caminho de ferro.

Madrid, 22.—O conselho de ministros, sob a presidencia da rainha regente, resolveu seguir a mesma politica, mas reprimir um pouco a propaganda antimonarchica.

O sr. Pavia, capitão general de Madrid, dirigiu aos dirétores dos diferentes jornaes hespanhoes uma ordem, na qual prohibe a publicação de toda e qualquer noticia ou comentario ácerca do processo contra os autores do acontecimento do dia 19 do corrente, e prohibe tambem a publicação de artigos, comunicados ou correspondencias sobre a questão de disciplina militar e ordem publica; relativamente a estas, são unicamente permitidas as noticias que dimanem de origem oficial, e mesmo n'este caso fica defezo todo e qualquer comentario.

Os jornaes são prevenidos de que devem abster-se de publicar quaesquer artigos ou discursos sobre fatos historicos, que tenham relação com a disciplina do exercito ou a ordem publica. Em caso de contravenção, os diretores dos jornaes serão submetidos a conselho de guerra, e as suas publicações suprimidas.

Plymonth, 22.—Sua magestade el-rei D. Luiz, saiu d'aqui a bordo do cruzador *Afonso de Albuquerque*, que deve chegar a Lisboa no proximo sabado das 10 horas á meia noite.

Rio de Janeiro, 23.—Segue hoje d'este porto com destino á Europa, o paquete inglez *Patagonia*, da Companhia Navegação do Pacifico.

Madrid, 23.—O brigadeiro Vilacampa e um tenente dos sublevados foram hontem presos pela guarda civil dentro de um moinho, nas proximidades de Ocaña. Vão ser imediatamente submetidos a um dos conselhos de guerra, que estão agora funcionando permanentemente em Madrid.

Londres, 23.—Lord Churchil disse na camara dos comuns que o governo convocará o parlamento, se a politica oriental necessitar de resoluções importantes, e que está resolvido a manter a paz europeia.

Madrid, 23.—O sr. Salmeron cessou as suas reuniões de propaganda anti-monarquica na Galiza.

Chegaram a Madrid 88 dos insurretos aprisionados pelas tropas fieis ao governo.

O general Lopez Dominguez, dirigiu ao ministro da guerra um protesto contra a sublevação militar de Madrid.

Madrid, 23.—Chegou a Madrid o brigadeiro Vilacampa, escoltado por um piquete da guarda civil. Era esperado na estação do caminho de ferro, por um outro piquete da mesma guarda. Veio em carruagem de 1.ª classe. E' tratado com todas as atenções.

Apeou-se coxeando, em consequencia de se ter ferido ao cair do cavalo, em que ia montado, antes de ser apresionado no moinho. O piquete da guarda apresentou-lhe armas. O brigadeiro, metido em uma carruagem de praça, acompanhado por um oficial, e escoltado por guardas civis a cavalo, foi conduzido ás prisões militares de S. Francisco.

Carta de Lisboa

Lisboa, 24 de setembro de 1886.

Foi além de toda a espétativa o resultado que obteve a subscrição para o emprestimo que o governo vae contrair em virtude da autorisação já votada pelas camaras. Foi um verdadeiro sucesso, pois não me recordo de termos obtido resultado identico em qualquer outra operação financeira nos nossos dias. Parabens pois ao governo e ao paiz, porque tanto um como outro devem estar satisfeitissimos.

— O sr. presidente do conselho de ministros recebeu ante-ontem de el-rei o seguinte telegrama:

«*Londres, 20, ás 12 h. e 45 m.*—Presidente do conselho de ministros—Lisboa.—Assisto ámanhã a um *luncheon* oferecido pelo lord-mayor, para o qual este me convidára por ocasião da minha primeira passagem por aqui, e que eu aceitei para quando regressásse.

«Embora plénamente satisfeito, em todos os sentidos, com a viagem que realisei, posso assegurar-lhe que me sinto bem feliz com a esperança de tornar a vêr, em breve praso, a minha querida patria. Parto no dia 22.—*Luiz.*»

— O sr. ministro da marinha e sua ex.ma esposa são aqui esperados no dia 27 do corrente. Dizem de Paris que o sr. Freycinet foi cumprimentar ao Grand Hotel o nosso ministro da marinha, que lhe foi, pouco depois, pagar a visita ao palacio do caes de Orsay, demorando-se bastante tempo com o eminente estadista francez. Parece que M. de Freycinet significou ao sr. conselheiro Henrique de Macedo que o governo da republica franceza se acha inspirado dos melhores sentimentos de simpatia e cordealidade para com Portugal, e que toma na devida conta as atenções e deferencias com que o governo portuguez tem sempre distinguido o representante da França em Lisboa, e o escrupulo, talento e correção com que se manteve no seu dever em atos politicos de significação e alcance ainda ha pouco sucedidos no nosso paiz. M. de Freycinet revelou uma alta consideração pelo sr. conselheiro Henrique de Macedo e pelo governo de que s. ex.ª era representante em Paris. Consagramos com prazer esta informação, que nos é oficiosamente dada—diz um colega nosso.

— Já regressou a Lisboa o sr. ministro da guerra, vindo com s. ex.ª sua ex.ma espoza. A estada aqui de tão ilustre homem de estado, na ocasião em que el-rei regressa ao reino, era indispensavel. Sei que s. ex.ª vem entusiasmado com o quartel do 10, parecendo-lhe quasi incrivel que com um emprego de capital tão relativamente pequeno e em pouco mais d'um ano de trabalhos se tenha podido pôr no pé em que se acha tão suntuoso edificio. E' que muito vale a boa vontade posta, com inexcedivel patriotismo e isenção, ao serviço da cousa publica.

— Está incomodado e impossibilitado de sair de casa o sr. Emidio Navarro, um dos ministros de mais pulso da atual situação. São sempre para sentir os incomodos embora passageiros d'um cavalheiro tão preciso á politica e ao paiz.

— Já regressou de Espinho a Lisboa o sr. Antonio José Duarte Nazareth. O honrado administrador da casa d'El-rei veio exercer mais de perto as altas funções que desempenha.

— Já regressou ao paiz e vem muito melhor dos seus incomodos o muito digno diretor geral interino dos proprios nacionaes o sr. Leandro José da Costa. Este funcionario tem tanto de zeloso e de proficiente como de modesto.

— Está em Lisboa o sr. José Cabral, delegado do tezouro no distrito do Porto, certamente tambem um dos mais dignos funcionarios do paiz. A sua demora é de poucos dias porque só o trouxeram aqui negocios que respeitam ao cargo que exerce.

— Está gravemente doente o sr. Carlos Bento da Silva, um dos nossos homens publicos mais conhecidos e estimados.

— O *Diario* de hoje publica o regulamento dos concursos para provimento dos logares dos professores dos liceus. Parece que o governo está na disposição de fazer com que estes concursos sejam uma realidade pois que quer que quem ensina saiba o que ensina e muito mais do que tem obrigação de ensinar.

— A subscrição para o emprestimo de 5 por cento em Lisboa e Porto subiu a 26:636 obrigações. Por noticias recebidas de Paris o reteio dará 16 por cento, visto o emprestimo ter sido coberto seis vezes.

— O governo deu ordem, e enviou tropas para a fronteira, a fim de serem desarmados e internados quaesquer revolucionarios hespanhoes que queiram internar-se.

— O *Diario do Governo* publicou a extensa consulta da junta consultiva de obras publicas e minas ácerca dos projétos apresentados em tempo pelos engenheiros Hersente, Reeves e grupo nacional, para os melhoramentos do porto de Lisboa. O parecer da junta é para que, adotádo o plano definitivo, se comecem as obras com a maior celeridade para conveniencia do comercio, devendo adotár-se por emquanto o plano só na parte que vae da estação do caminho de ferro do norte e léste até á rocha do conde de Obidos, deixando-se para depois, conforme as necessidades e exigencias do comercio, as obras desde a rocha até Alcantara.

— Foi agraciado com o titulo de visconde de Paço de Nespereira o sr. Gaspar Lobo, de Guimarães; e com o de barão de Duprehy o conhecido empreiteiro d'este nome.

— Foi agregado ao liceu de Lisboa o sr. Simões Dias, deputado, e professor do liceu de Vizeu.

— Foi assinado o decreto que nomeia bibliotecario-mór da Biblioteca Nacional o sr. Antonio Enes.

— Pediu a sua aposentação o sr. Pedro Sebastião de Noronha, chefe da alfandega de Mormugão.

— Foi promovido a lente proprietario da Escola Medica, o sr. Abilio Pinto de Mascarenhas, que era substituto da seção cirurgica.

Y.

Lisboa, 23 de setembro de 1886.

(D'outro nosso correspondente)

Está falando-se muito em grandes alterações nos uniformes da cavalaria; e isto *em consequencia dos relatorios dos comandantes dos corpos, demonstrando a imperiosa necessidade de taes alterações*. Não nos parece que seja tanto assim. Não é muito para acreditar-se na urgente necessidade de alterações nos uniformes, quando á comissão que os *engendrou* pertencia um coronel de cavalaria, que comandou tres corpos como tal, e em varios pontos do globo, devendo, por isso mesmo, ter estudado, meditado, investigado e pesquisado maduramente as necessidades dos uniformes, para armonisar o util com o agradavel, a elegancia com o marcialismo; e de certo não aprovaria, antes combateria com todas as forças da experiencia, do estudo e da dedicação qualquer plano em contrario; regeital-o-ia, e ter-se-ia assinado vencido, desviando assim de si a responsabilidade; mas não consta que vencido assinasse; logo aprovou-o, e, tendo-o aprovado, como seria que tão depressa os seus colegas comandantes viessem propôr alterações por encontrarem inconvenientes nos uniformes? Não póde ser. Ou é galga, ou então teriamos de fazer um juizo muito pouco airoso, ou pelo menos poderiamos dizer: «Bem empregado tempo, bem empregados trabalhos e bem empregadas despezas.»

E a respeito de tática de cavalaria, em que ficamos? Temos ou não nova tática? Parece que a tal tática continua a ter dente de coelho. Pois não póde dizer-se que seja por falta de tempo, nem de pessoal. Outra é necessariamente a causa. Será que nas oficinas nacionaes não haja *forja*, de que possa sair a tal tática? Em tal caso, e sendo como é urgente que a tática apareça, porque se não ha-de fazer com ela o mesmo que se tem feito com os armamentos? Não se téem mandado vir do estrangeiro caixotes de clavinas, espadas e lanças? Téem, ninguem o duvida. Porque não hão-de mandar-se vir de lá tambem umas gigas, uns cestos ou mesmo umas gaiolas de tática? Podia ter-se feito isso ha muito tempo, e a cavalaria teria tática. Não será muito airoso, mas emfim quando não ha outro remedio, lança-se mão d'este, a não ser que a melhor tática seja o não haver tática.

— E a respeito de novo regulamento de fazenda militar, em que se está trabalhando desde 1874, de dia e de noite, ás claras e ás escuras, sempre, sem descanso, domingos e dias santos, de gala mesmo? Estará o regulamento de fazenda dependente da tática e a tática dependente do regulamento, e por isso não aparece este nem aquela, nem aquela nem este; por que téem de aparecer ambos ao mesmo tempo, ou não aparecer nunca? Será tambem o melhor regulamento o não haver regulamento? Talvez!

— (Abramos aqui parentesis. Veio o carteiro trazer-me hoje duas cartas, e dando-me a *boa* nova de que tinha a pagar, por cada uma d'elas, 50 réis de multa, porque n'uma tinha sido posta estampilha das antigas, e a outra porque tinha mais de 15 gramas de peso. Resposta: «Leve outra vez, porque não recebo carta, impresso ou encomenda multada; quem escreve ou remete encomendas deve saber o que tem a fazer.»)

— Emquanto os nossos visinhos andam por lá politicamente aos saltos, e espingardeando-se uns aos outros, vamos nós por cá andando a passo grave e entertendo-nos, sem dares nem tomares, sem arrufos nem contendas. Eles divertem-se a seu modo, nós ao nosso.

— Está grassando em Lisboa uma epidemia, que necessariamente dará que fazer, se a tempo lhe não descobrem o remedio. E' a febre dos carros. São já tantos, e de tão variados feitios e dimensões, fazendo guerra uns aos outros, que pouco será para admirar se de um para outro momento desaparecerem todos da circulação. Ultimamente apareceram em scena uns *primos co-irmãos* dos ascensores, isto é, com andar nobre e aguasfurtadas. Não falta quem diga que tudo isto é pronuncio da resurreição dos antigos *onibus* e *burrinhos* do Poço de Borratem.

— Devo á bondade de um amigo o mostrar-me um jornal do Porto. N'ele acabo de ler duas formidaveis e monumentaes tundas. Não entro na verdade ou falsidade dos factos apontados: isso não me pertence, mas o que digo, é que, se qualquer d'aquelas arguições se désse comigo, e a consciencia me arguisse, teria necessariamente uma apoplexia fulminante: se não arguisse, trataria de justificar-me, dando satisfação aos meus superiores e ao publico. E' isto o que creio farão os, ali, arguidos. Um, o sr. diretor da padaria militar, o outro o sr. engenheiro, que a seu cargo tem as obras do quartel de infanteria n.º 6. Qualquer de suas ex.as precisa esmagar com a verdade a calunia, se que n'aquelas publicações calunia ha, como creio: e a não o fazer. . . .

— Esta já está um pouco taluda; mas, emfim, lá vão mais dois dedos de conversa: Imagine o leitor, que no Largo da Casa Pia de Belem, o da feira, havia das 5 para as 6 oras da tarde de domingo umas 5 a 6 mil pessoas d'ambos os sexos e de todas as idades; desde a criancinha ao colo e nos braços da mamã, até ao mais tropego velho, e potroza velha, e de todas as camadas da sociedade, desde a mais aristocratica até á mais borgueza; desde o sapatinho de setim, até ao chinelo despalminhado, senão mesmo até ás *meias* com que nasceu, estando uma tarde convidativa a passeio; e que de repente, e sem prévio aviso, se apresentaram á vista uns certos farrapinhos, lá nas alturas, que com a rapidez do relampago, se transformavam em grossas e negras nuvens, e principiavam a regar a cantaros aquela multidão, que queria escapar-se sem saber para onde, nem como. Façam ideia o que não seria, o que não averia, e as scenas que se não representariam! Pois foi isto, justamente, o que se deu. Muito vão ter que fazer as modistas de vestidos, e as encrespedeiras das plumas dos chapeus! E porque! Porque?... Ora essa!...

Borges.

AVISO

O Recebedor da comarca d'Aveiro faz saber, que no proximo mez d'outubro estará em cobrança a 4.ª e ultima prestação da contribuição predial de 1885; e que os contribuintes que deixarem de satisfazer as suas colétas dentro do referido praso, logo nos primeiros dias do mez de novembro serão os respétivos conhecimentos relaxados ao poder judicial.

Aveiro 20 de setembro de 1886.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

BIBLIOTECA SECRETA

LEITURA SÓ PARA HOMENS

ROMANCE DE UMA ALCOVA

Aventuras galantes

d'uma mulher mundana

Já começou a publicação d'este excelente romance, cada semana publicam-se 4 folhas, o preço é de 10 reis cada folha, gravuras gratis.

Todos os assignantes e correspondentes teem um brinde mensal do valor provavel de 7:000$ ou do valor realisavel de 4$500 reis.

Nas terras onde não ha correspondentes, a assignatura será mensal paga adiantadamente; o assignante deverá remeter a quantia de 200 reis, de 20 folhas, ao gerente da empreza, Lisboa—20 Rua dos Douradores 20.

EMPREZA EDITORA=LUCAS & F.º

Rua do Diario de Noticias, 93

LISBOA

DIRETOR LITERARIO

(**Do 5.º volume em deante**)

DR. L. A. ALVES DE FREITAS

BIBLIOTECA DOS POBRES

Publicação instrutiva e amena

UNICA

No seu genero

e sem precedentes em Portugal

Publicação mensal em livros de 64 paginas, custando apenas 60 reis cada livro!

A ESTAÇÃO

JORAL ILLUSTRADO DE MODAS

PARA AS FAMILIAS

Preço da assignatura

Um anno........................ 4$000

Seis mezes..................... 2$100

Numero avulso.................. 200

Assigna-se na livraria de E. Chardron—Lugan & Geneliox successores Porto.

ANUNCIOS

ACABAM AS DORES

139 COM a applicação do afamado balsamo anodyno de Moura, cuja efficacia é incontestavel nos rheumaticos, nas nevralgias, nas distenções de tendões, etc. Numerosos attestados de pessoas distinctissimas de paiz e estrangeiros, entre os quaes muitos do medicos de subido merito, provam a grande superioridade d'este medicamento, hoje universalmente usado, sobre outros aconselhados para as mesmas molestias. Preço 500 reis. No Porto, Felix e Filho, S. Domingos, 46.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz e Filho.

Deposito em Setubal, Antiga Ribeira, 15 a 19.

Previne-se o publico para não ser illudido qen é falsificado o balsamo em cujos frascos não for o nome Felix & Filho.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, qoando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunch* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolucro, das garrafas devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da le de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79

PEGADO A' CAIXA ECONOMICA

AVEIRO

VINDE VER AS

Excelentes e ainda não igualadas maquinas de coser de LANÇADEIRA OSCILANTE, que esta Companhia tem á venda.

As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO

Lançadeira que leva um carrinho d'algodão.

Não precisa encher canhila nem enfiar a lançadeira.

A agulha é sempre ajustavel.

Dá dois mil pontos n'um minuto!

Levissimas no trabalho e silenciosas sem igual.

Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.

Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu maquinismo é ajustavel e com o uso e os anos está a maquina sempre perfeita.

GARANTIDA POR 12 ANOS

SINGER

Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

SINGER

A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e ainda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior é medalha d'ouro

SINGER

Para familias, asfaiates, modistas, chapeleiros, sapateiros e correeiros.

SINGER

Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

SINGER

A que fabrica e vende diretamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado [illegible] imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

SINGER

[illegible] ano de 1884 a enorme quantidade de 620:382 maquinas! devido isto á sua grande [illegible] suplantando assim todos os outros sistemas modernos, que jàmais poderão comp[illegible] gigosa [illegible] quina SINGER

[illegible] familia [illegible] não p[illegible]

SINGER

[illegible] Foi [illegible] de nenhem conceito attestando a verdade d'estas palavras mais de SEIS [illegible] ara que ela [illegible] inas sabidas das suas fabricas!

[illegible] fossem [illegible] tis em casa do comprador, e concertos gratis por todo o tempo.

Peça[illegible] illustrados contendo o preço das machinas

Avisa-[illegible] de que tenha todo o cuidado com as imitações.

Vende-se [illegible] as, algodões torçaes e oleo a preços baratissimos.

Depo[illegible] todas as capitaes dos districtos de Portugal. 56

7 **EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA**

NUMERO TELEPHONICO 168

CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇAO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

FUNDIÇAO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES A' PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS

MACHINA a vapor, da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Visconde da Praia Grande de Macu.*

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaes que obras de ferro ou madeira, para construcções civis mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como **telhado, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo. etc.**

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempe em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 1, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, Santo Amaro, Lisboa.

21 **ASPHALTO**

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos

LARGO DA CADEIA

O MELHOR PURGANTE

138 TODOS os padecimentos cuja cura depende da applicação de um bom purgante desapparecem rapidamente com o uso das pilulas purgativas da Moura que são indubitavelmenta o melhor dos purgantes até hoje conhecidos. A sua acção é muito suave e nada irritante, o seu effeito seguro e rapido; o seu preço excessivamente modico e a sua administração da maneira mais facil e mais prompta. Os milhares de caixas que se vendem annualmente, tanto no paiz como no estrangeiro, mostram á evidencia a superioridade d'este preciose medicamento purgativo. Preço 300 reis, Depositarios em Lisboa, Pimentel e Quintans, 194, rua da Prata, (á esquina da travessa da Assumpção.) Venda por grosso, Felix & Filho. Porto.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz e Filho.

São falsificadas as pilulas em cujas caixas não for o nome Felix e Filho.

ARREMATAÇÃO

229 NO proximo domingo, 26 do corrente, arrematar-se-ha na rua do Norte, d'esta cidade, uma caza com eido, poço, arvores de fruta, etc. A arrematação terá logar dentro da mesma propriedade.

10 PILULAS DE BLANCARD

DE IODURETO DE FERRO INALTERAVEL

NOVA-YORK. Approvadas pela Academia de Medicina de Paris, Adoptadas pelo Formulario official francez. Auctorisadas pelo conselho medico de São-Petersburgo. PARIS

1853 1855

Estas pilulas, em que acháo-se reunidas as propriedades do Iodo e do Ferro, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, engurgitamentos, humores frios, etc.*), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na **Chlorosis** (*pallidez das meninas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*flores brancos ou flux alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla ou difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reactiva, o timbre da *União dos Fabricants* e a nossa assignatura aqui juncto. Blancard

Pharmacia em Paris, rue Bonaparte, 40

DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

CONTRA A TOSSE

Xarope Peitoral James, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

INJECÇÃO MOURA

140 ESTA efficaz injecção é a unica que cura em poucos dias, sem produzir damno algum toda a qualidade de purgações, tanto antigas como modernas, ainda as mais rebeldes. Deposito no Porto pharmacia Felix e Filho. Frasco 600 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz e Filho.

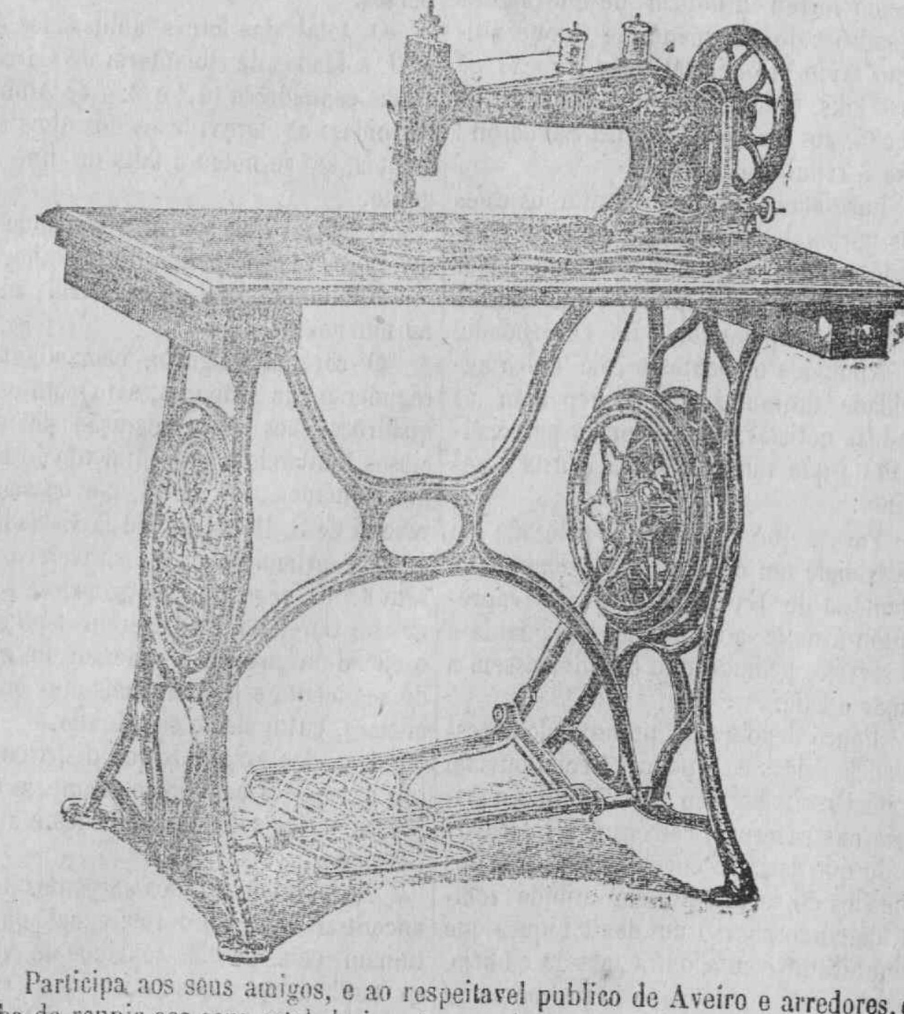
NOVO DEPOSITO

DE

MACHINAS DE COSTURA

CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES

Rua Direita—Aveiro



Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO

5

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pela sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero poderão competir.

Peças soltas, agulhas, algodões, oleo, torçaes, etc. 52

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO.